

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839 • AVENÇA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

UMA VITÓRIA DO HOMEM

ENSINO

Número de estabelecimentos de ensino no Algarve em 1957 era o seguinte: infantil, 2; primário, 571; secundário, 24 e uma escola do magistério primário. O pessoal docente somava 1.159 professores e mestres e subia a 46.745 o número de alunos.

NÃO nos interessa que tenha sido a nação A ou a nação B que projectou no infinito essa máquina maravilhosa que deslumbrou o mundo. O que interessa é o triunfo que o Homem averbou à sua capacidade criadora, pondo a girar no espaço, em convívio com os astros, um engenho da sua invenção e executado pelas suas mãos. Efectivamente sentese a gente envaidecida pela prodigiosa conquista humana, pela precisão dos cálculos, pelo rigor da trajectória imposta e camprida pela fantástica máquina que anda por aí a devassar os espaços siderais, até há pouco invioláveis à curiosidade do homem e reservados à onipotência das divindades. E, confessamos, impressionante esta conquista do Homem — porque o triunfo é efectivamente do Homem, sem com esta afirmação pretendermos de modo nenhum diminuir os cientistas a quem se deve esse triunfo.

Mas se por um lado, como membros da família humana, nos sentimos envaidecidos, por outro lado não podemos deixar de registar a nossa profunda mágoa, e esta deriva da flagrante disparidade (que este engenho de requintada ciência mais agravou) entre o progresso científico e a precária condição do homem. Não soube este assegurar ainda na Terra um mínimo de felicidade e já fez objecto das suas preocupações os mundos que nos ficam distantes, dependendo o seu esforço e o seu saber não objectiva e concretamente em benefício imediato da Humanidade sofredora, mas para satisfazer anseios de devassar os mundos que se monumentam nos abismos espaciais e infinitos. Não devemos censurar a curiosidade humana. Sem essa manifestação de inteligência não teria

Conclui na 6.ª página

FOI CRIADA A FUNDAÇÃO RAQUEL E MARTIN SAIN

NÃO podemos deixar de assinalar o gesto benemérito e como tal digno dos maiores louvores, do sr. Martin Sain e de sua esposa sr.ª D. Raquel Sain que contribuíram com a importante verba de 14.000 contos para instituir uma Fundação com o seu nome e destinada à educação e ocupação de cegos, assegurando a estes possibilidades de trabalho remunerado.

'Sete poemas rebeldes e carta a Pablo Picasso' de Casimiro de Brito

— pelo eng. J. SILVA CARVALHO

POR intermédio da colecção Silex, caderno n.º 1, o poeta Casimiro de Brito acaba de nos dar agora sete poemas rebeldes, em conjunto com uma carta a Pablo Picasso, anunciada como continuação da série de cartas já publicadas. Temos assim, ao todo, oito composições, das quais as sete primeiras passam por ser fragmentos de «Poemas rebeldes» — livro já preparado, mas ainda inédito, que parece ser a menina dos olhos do seu autor.



Casimiro de Brito

Tudo isto se depreende das palavras preambulares que Casimiro de Brito nos oferece, à guisa de prefácio, e muito principalmente da seguinte passagem:

«Poemas rebeldes» é um livro enorme, o fruto de dias e de noites de entrega absoluta à contemplação do espelho da poesia. Estes sete poemas

Continua na 4.ª página

A importância do Algarve na produção de trigo

PELA sua área e porque muitos terrenos estão ocupados com culturas mais rendosas, não é o Algarve uma das regiões grande produtoras de trigo. No ano de 1956 a média de sementes obtida foi apenas de 6, a mais baixa de todo o País, se não se contar com o distrito de Castelo Branco onde a média foi ainda mais pobre — apenas 5. As médias mais elevadas obtiveram-se nos distritos de Leiria (12), Lis-

Conclui na 4.ª página



Bloco residencial mandado construir na Rua dos Centenários em Vila Real de Santo António pelo sr. Desidério de Jesus Rosa.

(Ver notícia na 6.ª página)

TURISMO NO ALGARVE PARQUES DE CAMPISMO

— por JOÃO TRIGUEIROS

TIVE tardio conhecimento de um artigo publicado acerca de parques de campismo, no «Diário de Lisboa» de 7 de Dezembro passado.

Li o artigo com muito prazer porque verifiquei que o Campismo organizado continua a merecer a atenção da Redacção do conceituado jornal, embora não tenha deixado de reparar em algumas afirmações nele inseridas.

Diz o articulista: — Há anos, quando por aí havia uns entusiastas por estas coisas, instalaram-se os primeiros parques de campismo, no nosso país.

«Quando por aí havia? Onde? Em Lisboa? Realmente, nós não sabemos muito bem o que vai «por aí».

A charneca alentejana (a chamada fatalidade geográfica) isola-nos do resto do mundo e só conhecemos o pouco que os jornais «capitalinos» querem publicar sobre o movimento campista, mas, sabemos o que se passa no «Reyno dos Algarves», onde residem entusiastas praticantes do campismo, integrados em colectividades especializadas, inspirados nos princípios da ética campista. Sabemos que o premente problema dos parques de campismo está sendo encarado muito a sério. As entidades regionais, responsáveis pelo desenvolvimento turístico da nossa ridente provincia, não o descaram.

Conclui na 5.ª página

O que se passa no "Reyno dos Algarves"



Filarmónica Lusitana Moncarapachense, fundada no dia 1 de Dezembro

A freguesia de Moncarapacho TEM UMA FILARMÓNICA

OLHÃO — E' com regozijo que registamos a fundação, na vizinha freguesia de Moncarapacho, que faz parte deste concelho, de uma banda de música a qual se designa de Filarmónica Lusitana Moncarapachense.

Esta iniciativa, que merece ser acarinhada pelos filhos da progressiva aldeia, deve-se ao esforço de um grupo de devotados moncarapachenses que deseja continuar a tradição musical da localidade. Vem a propósito lembrar que há dezoito anos se deslocou a Lisboa a desaparecida banda local que deu um concerto na Exposição do Mundo Português, obtendo grande êxito.

A simpática iniciativa do grupo de bons filhos de Moncarapacho tem o patrocínio do Lusitano Ginásio Clube Moncarapachense e isto, junto ao entusiasmo que lavra entre a laboriosa gente da aldeia, é garantia de que em breve o concelho disporá de mais uma boa filarmónica. E' de louvar, numa época em que cada um se preocupa mais com o seu interesse pessoal do que com o bem público, a atitude desinteressada e benemérita dos moncarapachenses.

Jornal do Algarve que não rega-



«O SÉCULO»

ENTROU no 79.º ano de publicação o nosso prezado colega O Século, um dos maiores jornais do País e que sempre tem manifestado interesse pelos problemas do Algarve. Ao seu director, sr. João Pereira da Rosa, subdirector, sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa e a todos os que trabalham no grande matutino apresentamos os nossos cumprimentos.

A DANÇA, EXPRESSÃO DE BELEZA

A dança é universal e quase tão antiga como a própria Humanidade. Dançavam os deuses lá no Olimpo, quando havia deuses e quando a mitológica mansão não passava de um póctico símbolo; dançavam os egípcios e todos os povos da antiguidade, umas vezes para se distraírem, outras para invocar os deuses ou celebrar qualquer grande acontecimento. As danças religiosas estiveram em voga em toda a Europa, tendo sido condenadas pelo Papa Eugénio II por «transformarem a casa do Senhor em verdadeiro teatro pagão». Hoje em muitos povos selvagens ou semi-civilizados ainda a dança tem significado religioso. Foi talvez na Grécia e em Roma que as manifestações coreográficas tiveram a sua mais notável expressão. A dança evoluiu com o decorrer das idades. Adaptou-se aos gostos da época, conservando a sua pureza apenas entre o povo, que vive menos em contacto com os grandes centros. Daí o manterem-se ainda as chamadas danças regionais que todos os povos têm procurado conservar, subtraíndo-as à movimentação rítmica cafreal que, oriunda de gentes que se dizem civilizadas, tem invadido os costumes de todas as nações, não poupando sequer aqueles países onde a dança continua associada a certas manifestações de religiosidade. A nossa gravura representa uma dança da Malásia que tem um carácter rigorosamente castiço e possivelmente religioso, pois só podem presenciá-la o governador e os seus convidados e em ocasiões de solenidade.

ACERTE, SE É CAPAZ!

Couberam a concorrentes de Vila Real de Santo António E S. BRÁS DE ALPORTEL os prémios do cupão n.º 9

PUBLICAMOS hoje o último cupão do nosso Passatempo, que tanto interesse continua a despertar entre os leitores do Jornal do Algarve. Prestes a findar esta primeira fase do Concurso, avoluma-se, como prevíamos, o entusiasmo pela fase final, registando-se já alteração na ordem dos concorrentes enunciada no número anterior. Assim, continua à frente, mas prestes a ser alcançado, o sr. Eurico dos Santos Patrício, de Armação de Pera; o segundo lugar foi ocupado pelo sr. José Martins Lopes, de Lisboa e em terceiro, com o mesmo número de assinantes, situam-se os srs. Manuel do Carmo Firmino, de Tavira e Manuel Ildefonso Romba, de Mértola.

Como tivemos ocasião de manifestar, não são muitos os assinantes até agora conseguidos pelos

Conclui na 6.ª página

Comissão Venatória Regional do Sul

sr. dr. Mário Madeira, governador civil de Lisboa, deu posse à Comissão Venatória Regional do Sul, reeleita pela terceira vez, por maioria absoluta, para o triénio de 1959-1961. E' a mesma composta pelos srs. Virgílio Pereira, dr. José Arantes Freitas Cruz, Hermenegildo Neves Franco, dr. João Artur Botelho Moniz e José de Jesus Fernandes, respectivamente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e vogais.

BOAS FESTAS

TODAS as pessoas e entidades que tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de boas festas, agradecemos e retribuimos, lamentando que a falta de espaço nos impeça de inserir os seus nomes, do que pedimos desculpa.

IMPRESSÕES de uma viagem a França

III

PROVEITAMOS o fim de semana para acalmar o espírito, afastando-nos do bulício citadino, dos ruídos e fumos que nos deprimiam e enervavam. De manhã ainda, chegámos a casa de Marty, nosso velho amigo que, isolado quase, habita no alto de um monte, num pequeno aglomerado

de quatro casas apenas, frente à «mairie» e junto a uma das estradas vulgares no campo, estreita mas bem alcatroada.

Os campos estavam alegres, o dia esplêndido, a aragem saudável. Dir-se-ia que a Primavera se aproximava. Ao longe, um castelo er-

Conclui na 6.ª página

A saúde é a maior riqueza

COMO OUTRO QUALQUER

O doente mental não é um ser que definitivamente «adquiriu» ou «perdeu» alguma coisa. Como os doentes do fígado, dos rins ou do coração, ele precisa de tratamento adequado para a cura completa de seus males.

Encaminhe os doentes mentais aos especialistas, para que não lhes falte a assistência médica de que precisam.



por CASIMIRO DE BRITO

Inverno primaveril

Nesta terra o inverno não é inverno, e, como não tenho mais nada para dizer, di-lo-ei outra vez: nesta terra o inverno não é inverno...

Claro que, se eu ficasse por aqui, logo apareceria alguém a perguntar-me porque, porque é que nesta terra o inverno não é inverno...

...e acrescentaria que também por cá passou o 22 de Dezembro, e que os calendários têm a sua razão; ou então que choveu durante quase dois quinze dias, que houve (e continua a haver, para os frígidos) friozinho e que, quem sabe, talvez ainda haja neve — essa avis rara nestes sítios.

Mas eu continuaria a afirmar que nesta terra o inverno não é inverno. Porquê?

Porque há inverno e inverno, do mesmo modo que há doutores e doutores... E como eu não considero esses doutores de segunda classe, porque morreram já antes de terem sido enterrados, também não considero esses invernos de calendário, os nossos...

E com isso me congratulo deveras, pois então!

Talvez não seja típico, o nosso inverno, talvez! Não há no nosso céu castelos endemoniados, navios fantasmas, nem epopeias nervosamente negras... Nem nos nossos mares abismos impenetráveis, Adamastores de braços cruzados, ou deuses homéricos dos que sopra o vento como quem brinca às bolas de sabão... Não há nada disso, nem neve excessiva a bloquear-nos as cabanas, nem impermeáveis insuficientes, nem ainda policas encapotadas calmamente cruzando ruas como em Londres...

Mas há outras coisas, há o nosso inverno, com outros castelos, outras epopeias, outros navios, outras cabanas, outros deuses, outros ventos, outras bolas de sabão, outros bloqueios de outras neves, outras cabanas e outros policas...

E' isso, como há doutores e doutores também há invernos e invernos!

O nosso é primaveril — para quem tem nos olhos um mínimo de possibilidades de o descobrir ou inventar.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Passou as festas do Natal e Ano Novo em Vila Real de Santo António, com sua esposa, o sr. eng. Joaquim José Capa Horta Correia, nosso assinante em Lisboa.

Fixou residência em Lisboa, a fim de acompanhar os estudos de seus filhos, tendo já para ali seguido, com sua família, o nosso assinante sr. Gerásio Santos.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, em gozo de férias, o nosso assinante sr. Júlio Martins Pereira.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. Manuel Hilário, nosso assinante em Mosca.

Passou as festas do Natal e Ano Novo com sua família, em Vila Real de Santo António, o sr. eng. Francisco Ortigo Gomes Sanches, nosso assinante em Lisboa.

Seguiu para Lisboa o sr. Raul Barradas Socorro, filho do nosso assinante sr. José Leal Socorro.

Esteve em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Rita da Silva Nôia Ximenes, esposa do sr. Manuel José Sold Ximenes, nosso assinante em Ermesinde.

Foi a Lisboa o sr. dr. António Joaquim d'Almeida, nosso assinante e chefe da secretaria da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

Foi promovido a 2.º sargento da Guarda Fiscal, passando a prestar serviço no Batalhão n.º 3, o nosso assinante sr. João Gomes Pimenta que fixou residência no Porto.

Após ter passado as férias em Olhão, regressou a Sintra o nosso assinante sr. Ernesto José da Silva Santos.

Encontra-se em Aveiro, com sua esposa, o nosso assinante sr. Arthur Bento Domingues.

Foi a Lisboa, a fim de consultar a medicina, o nosso assinante sr. Joaquim Ribeiro.

Gente nova

Na Maternidade Bensaúde, em Lisboa, deu à luz, com muita felicidade, uma menina, a sr.ª D. Isabel Pato Anselmo Tavares Galhardo, esposa do sr. capitão Valentim Tavares Galhardo e filha dos nossos comprouvianos sr.ª D. Maria Isabel Pato Anselmo e sr. Aurélio Anselmo.

Casamento

Na capela privativa da sua Quinta da Cruz, em Alcantarilha, realizou-se o casamento do sr. João Diogo Mascarenhas Marreiros Leite, abastado proprietário naquela localidade, filho de Francisco Marreiros Leite, já falecido, e da sr.ª D. Crisante Paula de Figueiredo Mascarenhas Marreiros Leite, com a sr.ª D. Ana Maria da Fonseca Caçorino, filha do sr. Daniel Pedro Caçorino, importante proprietário em Portimão, e da sr.ª D. Isaura Marreiros da Fonseca Caçorino. Celebrou o acto o rev. Henrique Ferreira da Silva, vice-reitor do Seminário da diocese e amigo pessoal da família. Foram padrinhos, por parte do noivo, seu cunhado sr. dr. Vitor Manuel Leite Marreiros, meritíssimo juiz da comarca de Vila Real de Santo António, e sua tia, sr.ª D. Maria do Carmo Leite Serrão Marreiros, e, por parte da noiva, seus pais. Finda a cerimónia foi servido um finíssimo copo-d'água no casino da Praia da Rocha, tendo o novo casal seguido para o Norte em viagem de núpcias.

Doente

No Hospital de S. José, em Lisboa, foi submetido a uma intervenção cirúrgica, o sr. João Inácio Pato.

VUELVE POESIA!

¿Que le pasa? ¿Que tiene mi mente enfebrecida que se atrofia por momentos como organo inservible? Las ideas turbadoras, forman caos en mi cerebro; la luz, no penetra en los ámbitos recónditos de mi ser para disipar las finisblas que me agobian. ¿Porque mi ser se insensibiliza? La poesia huye de mí. Ya no siento sus alas acariciar dulcemente mi cabeza. La oigo revolotear a mi alrededor pero huye. ¡No me abandones poesia! En ti vuelco mi imaginación. Eres para mí, la confidente, la amiga buena. ¡Vuelve poesia! no te vayas, quédate, dime algo para escribir; que una ráfaga de ideas, pase por mi mente calurienta para poder plasmar sobre la blanca e insensible faz de mi blanca cuartilla, tus palabras cariñosas.

MARIA EMÍLIA DIAS Aiamonte, 9-12-58.

VENDE-SE

Instalação completa para fabricação de massa de tomate e massa de marmelo. Resposta a este jornal ao n.º 124.

ECONOMIA

As vendas de pescado, no ano findo, no porto de Vigo, que é hoje também centro de fabrico de automóveis, atingiram a cifra impressionante de 610 milhões de pesetas

SEMPRE tivemos uma grande simpatia por Vigo por reconhecermos na florescente e laboriosa cidade e na sua activa população qualidades de trabalho e iniciativa que gostaríamos de ver transplantadas para centros nacionais não menos dotados de condições de prosperidade mas infelizmente carentes de iniciativa, amodorradas na sonolência letárgica dos morcegos, revelando uma preguiça e uma incapacidade que infundem tristeza. Como ao Lázaro morto, apetece gritar-lhes: «Levantem-se e caminhem!»

A admiração que temos pela activa cidade de Vigo leva-nos, apesar da distância, a estar sempre atentos à sua vida, num pressentimento de que um dia uma geração a que chamaremos do resgate, saberá aproveitar-se de tudo aquilo que se tem desconsiderado. Valha-nos a consolação de que este pressentimento será um dia materializado. Porque nós ainda acreditamos, embora não sejamos sebastianistas, no poder de visão e no talento dos que hão-de vir. Dos presentes é isto que se vê.

E vamos aos números: Vigo fechou o ano de 1958 com o maior rendimento económico piscatório da sua história. Embora não esteja ainda feito o apuramento rigoroso dos números, pode dizer-se que foram pescadas 64.601 toneladas de peixe, no valor impressionante de 609.851.814 pesetas. Para esta alta de mais de cem milhões de pesetas em relação ao ano anterior, contribuíram vários factores, entre eles: o aparcimento de quantidades enormes de sardinha (que tinha desaparecido há muitos anos) e de biqueirão, o elevado preço que alcançaram algumas espécies (a pescada e o linguado) e a modernização da frota de pesca e o emprego de melhor aparelhagem para as capturas de peixe.

Mas Vigo, que nasceu e floresceu explorando o mar, tem hoje outras actividades ricas, entre elas a fábrica de automóveis «Citroen Hispania S. A.», que emprega muitas centenas de operários. Ao contrário do que se passa em Portugal, a industria procura afastar-se dos grandes centros pelos inconvenientes de ordem económica (mão de obra mais cara, nível de vida mais elevado) e social (greves, inconvenientes dos contactos de milhares de trabalhadores, dificuldades de alojamentos, etc.) que são óbvios em cidades de centenas de milhares de habitantes. Daí o ter sido escolhida Vigo, com o seu belo porto de mar, para a implantação da industria de automóveis. Os primeiros veículos saíram já a caminho de Casablanca. Aqui está uma industria que a ser instalada no nosso País teria aqui no Algarve, em Vila Real de Santo António, o seu lugar óptimo. Terrenos baratos, água em abundância, trabalhadores disciplinados e operosos, comunicações rodoviárias e ferroviárias e um porto de mar que dá tudo o que dele se exigir sem desperdiçar um vintém.

Está no animo dos governantes, ao que julgamos, afastar as novas industrias dos grandes centros e levá-las aos locais mais próprios e que carecem de valorização.

Aqui fica, pois, a lembrança. E fechamos, felicitando Vigo e desejando a continuação das prosperidades de que é digna a sua laboriosa gente.

Valor das conservas produzidas em 1957

O valor das conservas de peixe produzidas no continente no ano de 1957, ascendeu a 1.015.819 contos, contra 970.861, em 1956. Eis os valores, por centros: Matosinhos, 360.742 contos; Olhão, 176.872; Setúbal, 149.354; Portimão, 128.010; Vila Real de Santo António, 89.398; Lagos, 55.181; Lisboa, 28.416 e Peniche, 27.846 contos. O número de operários por centros era o seguinte: Matosinhos, 6.157; Setúbal, 3.869; Portimão, 3.284; Olhão, 3.259; Vila Real de Santo António, 1.822; Lagos, 1.272; Lisboa, 896 e Peniche, 700, os quais venceram, respectivamente, o seguinte total em salários: 28.388 contos; 17.433; 16.876; 17.815; 9.380; 6.417; 2.739 e 2.766 contos.

O nosso comércio com a Alemanha

Coscuvilhando as estatísticas, verificamos que a Alemanha ocupa no nosso comércio de importação o primeiro lugar nos seguintes artigos: carvões especiais, alumínio e suas ligas, cobre em lingotes e não especificado, ferro fundido, azotato de sódio, sulfato de amónio, aparelhos receptores de telefonia e telegrafia, aparelhos receptores de televisão e mistos, transformadores eléctricos, motores eléctricos, ferramentas, motores trifásicos assíncronos, teares, máquinas industriais, automóveis de carga, automóveis para transportes (metade das nossas importações), ferro ou aço em obra e tubos de ferro batido ou laminado. Daí a razão por que o nosso saldo negativo em relação a esse país, nos primeiros sete meses deste ano, atingisse a cifra impressionante de 1.170.647 contos. E a verdade é que esse país, tão favorecido pelo nosso comércio, não é o que figura

EDIFÍCIO DOS CORREIOS de Moncarapacho

É INAUGURADO na quarta-feira, o novo edifício dos Correios de Moncarapacho. Ao acto assistirão o sr. correio-mor, que se desloca propositadamente ao Algarve, presidente do Município, sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça e outras autoridades civis e militares do concelho.

DESENHOS

Publicitário, artístico, pintura d'arte e decorativa. Modelação. Plantas para alvarás terrestres e marítimos, de construção, etc.

EXECUTA «MARABUT» J. COSTA Rua Rebelo da Silva, 49 - FARO

NECROLOGIA

D. Maria Apolinária T. Tavares Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Maria Apolinária Trindade Tavares, de 83 anos, natural de Tavira, viúva, mãe da sr.ª D. Maria Alina Trindade Tavares Galhardo, sogra do sr. capitão Joaquim Maria Galhardo e avó da sr.ª D. Maria Manuela Tavares Galhardo e do sr. capitão Valentim Tavares Galhardo.

D. Raimunda M. da Natividade Rijo Com 93 anos, faleceu em Lisboa a sr.ª D. Raimunda Maria da Natividade Rijo, viúva, natural de Bensafim, mãe da sr.ª D. Maria Luisa Rijo de Ochoa, professora do ensino primário, e avó do sr. Rui Rijo de Ochoa, funcionário da O.P.C.A.

D. Júlia de Oliveira Nobre Faleceu em S. Bartolomeu de Messines a sr.ª D. Júlia de Oliveira Nobre, de 73 anos, natural de Monte do Boi, casada com o sr. António Joaquim Ruivo. A extinta era mãe do sr. José Nobre Ruivo, proprietário e comerciante, e sogra da sr.ª D. Madalena de Matos Brás Nobre Ruivo.

José António dos Santos Faleceu em Vila Real de Santo António o sr. José António dos Santos, comerciante, de 79 anos, natural da Conceição (Tavira). Era casado com a sr.ª D. Maria Inácia dos Santos, pai da sr.ª D. Celisa dos Santos Ruivinho, sogro do sr. Francisco dos Anjos Ruivinho e avó da sr.ª D. Maria João dos Santos Ruivinho, professora do ensino primário.

Também faleceram: Em LISBOA — a sr.ª D. Joaquina Rosa de Almeida Piscarreta, de 48 anos, natural de Lagoa, casada com o sr. Francisco de Sousa Piscarreta Júnior.

— a sr.ª D. Perpétua Duarte, de 61 anos, natural de Monchique. Em SACAVÉM — a sr.ª D. Ana do Carmo Soares Garcia, de 83 anos, viúva, natural de Ovar, mãe do sr. Manuel Pereira Garcia Júnior, funcionário aposentado da Caixa Geral de Depósitos e comerciante em Olhão.

As famílias enlutadas apresenta Jornal do Algarve sentidos pésames.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

Vila Real de Santo António de 31 de Dezembro a 7 de Janeiro

ENTRADOS: Dinamarquês «Nancie S», de 500 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Alemão «Porto», de 1.372 ton., de Roterdão, com folha de Flandres; Suíço «Grandson», de 616 ton., de Casablanca, com carga em trânsito; Português «Maria Christina», de 549 ton., de Lisboa, vazio.

SAÍDOS: «Shell Onze», para Lisboa, vazio; «Nancie S», para Marselha e Génova, com cortiça e conservas; «Stavfjord», para Roterdão, com minério; «Terceirense», para Ponta Delgada, com sal; «Porto», para Hamburgo e Antuérpia, com cortiça e conservas; «Mira

Novo insecticida Aturadas experiências realizadas por cientistas do Clemson College, Carolina do Sul, demonstram o valor dum novo insecticida — o «Korlan». Este produto foi aplicado com êxito em numerosos edifícios invadidos pelos insectos. Trata-se dum insecticida, tendo por base o fosfato, de grande eficácia tanto para uso caseiro como agrícola, na destruição das larvas. As pulverizações com este novo produto têm a duração activa de 4 a 6 semanas.

José Cândido Monteiro Solicitador provisionário

Nomeado definitivamente na comarca de Vila Real de Santo António Telefone 238-8

Avisa que permanece todos os dias úteis, até conseguir casa para escritório, na sede da comarca — Tribunal Judicial — durante as horas em que o mesmo funciona.

LOTAS ALGARVE

Table with columns for location (Vila Real de Santo António), item (TRAINEIRAS), and price. Includes items like Leste, Raulito, Audaz, etc.

Table with columns for location (Olhão), item (TRAINEIRAS), and price. Includes items like Luís Fernando, Salvador, etc.

Table with columns for location (Quarteira), item (Valor da pesca neste período), and price. Total 145.445\$00.

Table with columns for location (Albufeira), item (Valor da pesca neste período), and price. Total 97.321\$00.

Table with columns for location (Armação de Pera), item (Valor da pesca neste período), and price. Total 23.628\$00.

Table with columns for location (Portimão), item (TRAINEIRAS), and price. Includes items like Maria Odete, Cristina Leote, etc.

Table with columns for location (Vila Real de Santo António), item (TRAINEIRAS), and price. Includes items like Maria Odete, Cristina Leote, etc.

Table with columns for location (Vila Real de Santo António), item (TRAINEIRAS), and price. Includes items like Maria Odete, Cristina Leote, etc.

Já tem a «Agenda do Lar» ou o «Almanaque do Século» para 1959? Se não tem, peça sem demora na

CASA DIAS

Rua Miguel Bombarda, 14 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A Casa Dias representa a EDITORIAL SÉCULO

encarregando-se da encomenda, com brevidade, de quaisquer edições que lhe sejam pedidas.

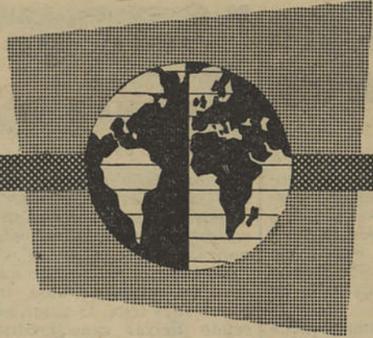
Terra, para Lisboa, com minério; «Grandson», para Génova, com conservas.

As mais lindas Rosas de Portugal As mais famosas árvores de fruto PLANTAR AS NOSSAS ARVORES E COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS

DESENHOS Publicitário, artístico, pintura d'arte e decorativa. Modelação. Plantas para alvarás terrestres e marítimos, de construção, etc.

STENTOR RÁDIO - TELEFONES PARA NAVIOS DE LONGO CURSO EMBARCAÇÕES DE PESCA, YACHTS DE RECREIO, ETC.

PANORÂMICA



COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

PERFUMES, ESSÊNCIAS e óleos aromáticos

É AINDA hoje motivo de contro-
vêrsia se os perfumes foram pri-
meiramente utilizados como
meio de eliminar outros cheiros me-
nos agradáveis ou se foram empre-
gados, pelas mulheres, já a caminho
da velhice, como meio de tentar os
homens.

Há razões para acreditar que um
certo povo, que viveu 25.000 anos
antes de Cristo, utilizava o petróleo
como um dos principais acessórios
de «toilette». E' porém no Egipto,
num período que se situa entre
5.000 e 3.500 A. C., que surge a
prática de oferecer cosméticos de
diversas espécies aos deuses, e uti-

casamento, após a condenação da
cônjuge, seja anulado». Não admira,
portanto, que os homens de hoje se
refiram ainda aos bons tempos de
outrora!

Actualmente, o centro mais im-
portante de fabrico de perfumes na
Europa é Grasse. Nos primeiros
anos deste século, um dos princi-
pais perfumistas daquela cidadezi-
nha, que fica perto de Cannes, lem-
brou-se de utilizar um dissolvente
volátil para a extracção contínua
de perfumes das flores, e empre-
gou para isso o éter. Foi um gran-
de melhoramento mas não consti-
tuíu a solução total do problema, e



Dois parisienses experimentam perfumes criados com essências preparadas em Grasse

lizá-los ainda para embalsamar os
mortos e para fins puramente esté-
ticos.

Em Heliopolis — onde os adora-
dores do Astro Rei se reuniam, os
sacerdotes ofereciam três vezes por
dia nos templos perfumes ao Rei
Sol: queimava-se resina ao amanhe-
cer, mirra ao meio dia e «KACHI»,
uma mistura de vários ingredientes
aromáticos dos quais a verdadeira
natureza é desconhecida, ao fim da
tarde. Aos pés da estátua da deusa
Isis sacrificava-se um boi em ocá-
sões de grande cerimoniais mas o
cheiro da carne queimada era de
tal maneira insuportável, tanto aos
sacerdotes como aos fiéis, que se
tornou necessário embeber o ani-
mal em colas e óleos aromáticos,
fabricados pelos próprios sacerdo-
tes, que rodeavam a preparação
desses perfumes de uma aura de
mistério, propícia a reforçar o seu
poderio sobre a população crédula.

Os egípcios do tempo dos Faraós
foram os iniciadores do banho per-
fumado, mais tarde adoptado tam-
bém por gregos e romanos. Nero
gostava muito de perfumes. Essên-
cias fortes e voluptuosas desempe-
nhavam importante papel na vida
da corte imperial. Nos dias de Lu-
culus e de Cícero, os homens usa-
vam perfumes em grande quantida-
de, mas Júlio Cesar detestava aque-
les que se apresentavam perante ele
perfumados. Certa vez, gritou até
para um cortesão: «Preferia que
cheirasses a alho!»

Os persas apreciavam muito os
perfumes fortes e acrescentaram
novos tipos aos já em uso naquele
tempo — sobretudo a essência de
rosas.

A introdução dos perfumes, na
Grã-Bretanha, deve-se aos romanos,
embora haja provas de que os bri-
tânicos de outrora utilizavam um
tipo primitivo de unguento aroma-
tico. Foi porém no tempo das Cru-
zadas que os perfumes começaram
realmente a desempenhar um papel
na consciência social do país, quan-
do os cavaleiros, de regresso da
Terra Santa, trouxeram para suas
mulheres amostras de essências do
Médio Oriente.

Na época em que a Rainha Isabe-
l I subiu ao trono, era já corrente
o uso de grande variedade de
perfumes e a moda foi ganhando
terreno até que Cromwell, ao assu-
mir o poder, os banii.

Com a Restauração e o reinado
de Carlos II, surgiram novamente
os cosméticos e perfumes e, no sé-
culo XVIII, adquiriram um carácter
aparentemente ameaçador. De fac-
to, foi votada no Parlamento uma
lei, da qual um dos parágrafos dizia:
«Que todas as mulheres, seja qual
for a sua idade, posição, profissão
ou grau, virgens ou não, que iludam,
seduzam ou levem ao matrimónio
qualquer súbdito de Sua Majestade
pela utilização de perfumes, pintura,
cosméticos, ceras, dentes artificiais,
cabeleiras postizas, ganchos, arma-
ções de arame nas saias, sapatos de
salto alto ou cinturas artificiais,
incorram nas penas da lei em vigor
contra as práticas de feitiçaria e
actividades semelhantes e que tal

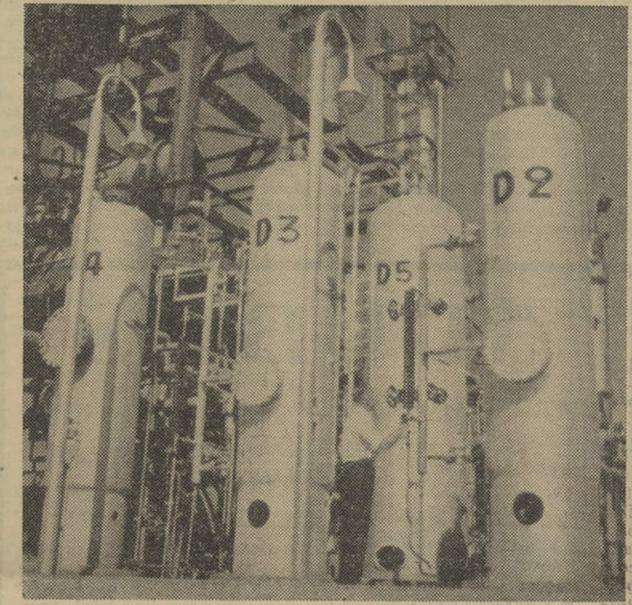
não tardou muito que o éter fosse
substituído por um «éter do petró-
leo», designado por «Essence B» e
fornecido pela Refinaria da Shell
Berre, em Petit Couronne.

Este dissolvente usa-se da seguin-
te maneira: grandes quantidades de
flores são colocadas num sistema
de pratos perfurados, dentro de
extractores e portanto sem contacto
com o ar. A «Essence B» circula
então através das aberturas dos
pratos, dissolve o perfume natural,
e sai pelo fundo dos extractores.

Daqui, passa a um destilador onde
a benzina é destilada, a pressão re-
duzida, ficando o perfume no fundo
do destilador, como um líquido de
consistência xaroposa. Tratado de-
pois com álcool, para remover cer-
tas impurezas, dá depois de redesti-
lado o perfume «absoluto». E' ne-
cessário o maior cuidado na refina-
ção da «Essence B» pois o mais
leve odor pode torná-la imprópria
para o tratamento extractivo das
flores.

Além de concentrados e óleos
naturais, várias fábricas de Grasse
produzem perfumes sintéticos, pois
o fabrico de óleos naturais é insufi-
ciente perante as necessidades da
indústria de perfumes.

Entre os óleos sintéticos fabrica-
dos em Grasse, há os conhecidos
por iononas, que são a base do óleo
essencial de violetas. A acetona de
extrema pureza, produzida na fábri-
ca de produtos químicos da Shell
em Berre l'Etang, perto de Marse-
lha, desempenha papel importante
na produção, em larga escala, da
síntese das iononas. O álcool buti-
lico terciário é utilizado no fabrico
de «musk» sintético e tanto o sector
natural da indústria como o sintéti-
co estão a empregar, agora, éter



Um aspecto da fábrica de produtos químicos da Shell em Berre l'Etang.

isopropílico e álcool isopropílico
(ambos fornecidos pela Refinaria da
Shell Berre) como dissolventes para
extracção.

Acredite se quiser...

= Durante uma demonstração a-
érea da sua arte de evitar que os fo-
gos tomem proporções nas florestas,
o piloto do Serviço Florestal ameri-
cano, Milton Nelson, errou o alvo e
derramou 250 litros de um líquido
abrasivo sobre vários grupos de ex-
cursionistas que piquenicavam na
região de Baraga, no Estado de Mi-
chigan.

William P. Loudemalk foi preso
por ter roubado um carro. Explicou:
«Precisei do carro para ir esperar
um amigo meu que hoje saía da
cadeia».

Willy Croonen, de Afferden, Hol-
landa, farto de encontrar os pneus
do seu carro vazios e de atribuir es-
se facto aos garotos da vizinhança,
descobriu com espanto que dois patos
desaparafusavam as válvulas de es-
cape para depois se refrescarem com
o ar que delas saía.

SERVINDO A LAVOURA

PROTEJA-SE A TERRA

Pelo eng. agr. JERÓNIMO DIAS LEITÃO da Repartição de Const. Agrícolas e de Defesa de Conservação do Solo

(Do Boletim Agrícola, publicação mensal da SHELL PORTUGUESA)

NENHUMA técnica de exploração
da terra se pode considerar
aperfeiçoada se provocar o seu
desgaste ou empobrecimento. A
capacidade produtiva da terra é um
capital donde se não deve gastar
mais do que o juro, sob pena de se
aniquilar riqueza.

E à medida que as necessidades
de consumo vão sendo cada vez
maiores, mais se acentua a conveni-
ência de obter da mesma área
produções crescentes, só possíveis
à custa da melhoria das condições
de produtividade.

No alcance de semelhante objec-
tivo reside a essência da elevada
missão do agricultor e que deve
consistir em tornar cada vez mais
fecundos e rendosos os meios de
produção.

Não basta que se semeie ou se
extingam maninhos para que se
cumpra a missão que ao agricultor
incumbe. Cultivar em condições
que arruinem o solo é pior do que
não cultivar.

O valor das produções obtidas,
em regime defeituoso de utilização
da terra, pode ser muito inferior
ao do desgaste por esta sofrido,
quando ponderados os riscos a que
é exposta.

Ào escrevermos estas linhas pas-
sa-nos pela mente a imagem de
vastas extensões do torrão pátrio,
onde tão ingloriamente se alentam
esperanças.

Em encostas magras e desprote-
gidas, não cessa o arado de afogar
a pouca terra que ainda resta de
fainas anteriores, para que à mais
leve chuva se desentene denso ra-
vinamento e caia na foz dos rios o
fruto de tantas canseiras.

Não será, porventura, a terra que
garante ao sistema radicular das

plantas as condições de desenvol-
vimento e o meio próprio para
absorção dos elementos nutritivos
de que carecem? Ora, se a deixarmos
perder, perderemos também
as condições essenciais à vida vege-
tal que tanto nos interessa pro-
teger.

E' tempo de se olhar muito a sé-
rio para estes problemas por cuja
indiferença a Nação compromete
anualmente mais de um milhão de
contos!

Todo o plano de aproveitamento
da terra terá de ter como alicerce
a sua completa protecção, o que
equivale a dizer que a água das
chuvas terá de se infiltrar no solo
ou escorrer sobre ele devidamente
dominada de modo a não provocar
arrastamentos. E para que este
desejato se atinja em acordo
com a economia, há que dar a cada
terreno a utilização para que é apto
e usar os meios de defesa que lhes
são adequados.

Experiências efectuadas no Vale
do Tennessee pelos Serviços de
Conservação dos Solos dos E. U. A.
revelaram que uma chuvada de 96
milímetros é, em determinadas con-
dições de declive e natureza do
solo, capaz de arrastar cerca de 400
toneladas de terra em cada hectare.

Se considerarmos agora que aque-
la intensidade de chuva ocorre com
certa frequência no nosso País em
24 horas poderemos concluir que,
em tais condições, uma área de
1.000 hectares pode ser desfalcada
de 400.000 toneladas de terra em
um só dia, o que é, em verdade,
alarmante.

E semelhantes números não são
fantasia. Comparando-os com os
referentes ao nosso País, eles to-
mam, entre nós, vulto ainda maior.
Só na Serra do Algarve, estima-se
em 1 bilião de toneladas, a terra
perdida nas últimas 3 décadas, ou
seja, uma média de 30 milhões de
toneladas por ano, número que nos
assombra, mas que talvez seja in-
ferior ao real.

Em 17 de Setembro do ano findo,
caíram fortes trovoadas nas regiões
de Elvas e Campo Maior e por es-
timativas baseadas na colheita de
amostras próximo da foz da ribeira
de Caia — afluente do Guadiana —
foram arrastadas da bacia daquela
ribeira 250.000 toneladas de terra
em um só dia!

A atestar o que se afirma, estão
as desoladoras paisagens das serras
do Algarve, Mértola, Marofa e tan-
tas outras onde, por ter sido arras-
tado quase todo o solo, a vegetação
tem desenvolvimento muito precá-
rio, o que dá a tais regiões o aspec-
to de desertos.

E se causamos tão grande ruína
ao solo em período tão curto, urge
desenvolver uma acelerada cam-
panha de ressurgimento e pôr termo
às práticas de cultivo que conduzi-
ram a situação tão prejudicial. E
torna-se necessário recuperar, não
para voltar a perder, mas para
conservar, o que recuperamos.

(Continua)

No mundo do petróleo

Velocidades médias de condução na Europa

A International Road Federation
faz referência a um relatório não
oficial sobre as velocidades médias
de condução em vários países euro-
peus.

À cabeça da lista vem a Alemanha
com 62 m. p. h., seguindo-se a Áus-
tria e os Países Baixos com 54, a
Bélgica e a Suíça com 49, a França
e a Irlanda com 45, a Itália e a In-
glaterra com 40, Portugal com 31 e
a Espanha com 24.

Novas aplicações para oleodutos

Todas as pessoas ligadas ao ne-
gócio do petróleo têm a tendência
para pensar em ramos, produtos de-
rivados do petróleo, gás ou água
sempre que se fala em oleodutos.
Mas da Suíça chegam-nos notícias
sobre um uso completamente dife-
rente para estas tubagens: o pri-
meiro tubo de condução para vinho
acaba de ser construído na Suíça.
E' feito de plástico e espera-se que
possa transportar cerca de 1.500.000
litros de vinho por ano desde as
vinhas da região produtora até às
adegas onde o vinho é armazenado.

AUTOMOBILISTAS

SEDE PRUDENTES POIS O INVERNO AUMENTA O PERIGO NA ESTRADA

ÉIS-NOS em pleno Inverno.
Se durante todo o ano o
automobilista deve ser pruden-
te, essa prudência torna-
se muito mais necessária nesta
estação em que os perigos
aumentam.

De facto, no Inverno:
— os dias são mais curtos;
— o nevoeiro, a chuva, a
geada e o granizo acumulado
na estrada são fenómenos
correntes.

Porque os dias são mais
curtos, o automobilista tem
que guiar mais vezes de noite
ou ao cair da noite.

Porque os dias são mais
curtos, é ao cair da noite que
os peões e ciclistas, saindo
dos empregos, regressam aos
seus lares.

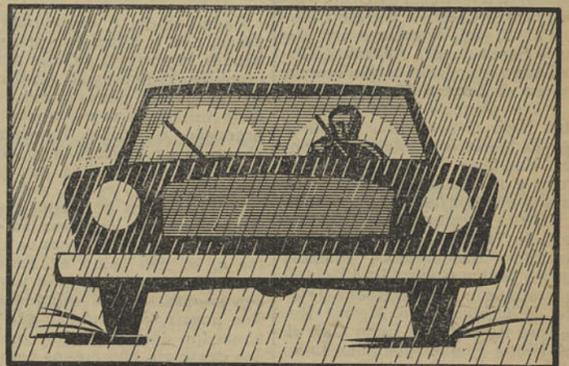
Porque chove, porque caem

— De dia como de noite
reduzir, sensivelmente, a ve-
locidade pois os pavimentos
estão mais escorregadios, há
menor visibilidade, dificuldade
na apreciação das distâncias
sob a luz artificial e, portanto,
necessidade de reservar uma
margem maior de segurança.

— De dia como de noite,
limpar não só os vidros da
parte de trás como também
os laterais pois a opacidade
que dá o vapor de água ou
gotas da chuva provoca mui-
tos acidentes.

— De dia como de noite,
utilizar os travões sem brus-
quidão.

E' necessário também:
— quando está nevoeiro,
acender as luzes mesmo em
pleno dia.



folhas das árvores e porque,
algumas vezes, as ruas e es-
tradas se cobrem de geada e
até de granizo o automóvel
não tem a mesma aderência
ao solo.

Porque, em virtude das
condições atmosféricas, se
embaciam mais facilmente o
para-brisas e os vidros do
carro, a visibilidade do auto-
mobilista diminui bastante.

Porque o condutor defron-
ta com uma ou outra ou di-
versas daquelas dificuldades,
cansa-se mais depressa.

Para reduzir os inconveni-
entes resultantes das contri-
buições especificadas, é
necessário portanto:

— regular cuidadosamente
os faróis;

— verificar o estado dos
pneus;

— velar pelo bom funciona-
mento do limpa para-brisas.

E' necessário ainda ter sem-
pre presente a noção do risco
e, por consequência:

— Ao cair da noite e de
noite, lembrar-se da possibi-
lidade de circulação na estrada
de ciclistas sem faróis. E
de peões que podem seguir
pelo meio da estrada.

ANEDOTAS

Num avião viaja um antropófa-
go. A hospedeira de bordo entrega-
lhe o «menu» para escolher. Res-
posta do antropófaço depois de o per-
correr demoradamente com a vista:
— Não me agrada! Traga-me
antes a lista dos passageiros!

Um cavalheiro entra num consul-
tório de um veterinário com um cão-
sinho.

— Desejo — diz — que o doutor
corte a cauda ao meu cão.

— Estou pronto a fazê-lo, meu
caro senhor, mas não acha que sem
cauda ele não fica tão bem?

— Acho. Mas corte-a. A minha
sogra chega amanhã e eu não quero
lá em casa a menor manifestação
de simpatia.



Elegante modelo de Inverno, recentemente apresentado em Nova Iorque.

A importância do Algarve na produção de trigo

Conclusão da 1.ª página

boa (11) e Porto e Braga (10). A nossa produção, em relação à produção total do País, acusou a percentagem de 5,87, tendo-se obtido a média de 511 quilos por hectare, uma das mais baixas do País e um pouco acima de Castelo Branco (449 quilos) que foi a mais baixa de todas.

O Algarve, apesar da sua pequena área, é o que acusa maior número de produtores de trigo; nada menos de 25.551, dos quais 14.571 são pequenos produtores, semeando menos de 100 quilos. O máximo peso médio geral por hectolitro foi obtido no concelho de Silves (81,67) seguido de 81,66, na área do Grémio da Lavoura de Castro Marim, Alcoutim e Vila Real. A média mais baixa foi a do Grémio de Faro e Alportel (80,16). A média mais baixa do País registou-se em Vila Real de Trás-os-Montes (75) e a mais elevada no concelho de Avis (85,58). De harmonia com os manifestos apresentados na F. N. P. T., o Algarve produziu, em 1956, 30.685.616 quilos de trigo. Eis essa produção em quilos, por áreas dos grémios: Albufeira, 2.064.414; Castro Marim, Alcoutim e Vila Real, 2.986.862; Faro e Alportel, 5.285.579; Lagoa, 535.384; Lagos, Aljezur e Vila do Bispo, 6.750.242; Loulé, 5.785.518; Portimão, 5.162.850; Silves, 4.575.561 e Tavira, 5.591.206.

Para se ver a nossa modesta posição como produtores de trigo lembremos que só o concelho de Beja à sua parte produziu 44.386.977 quilos, muito mais que todo o Algarve.

Os seis maiores produtores nas zonas abrangidas pelos grémios foram os srs. Manuel Rodrigues Baú, D. Maria José Faisca Águas José Martins Cardoso, António Libânio Correia, D. Raquel Maria de Melo Leote e José Bernardo dos Santos, de Albufeira; Miguel de Brito, Manuel Firmino Cláudio, Jacinto Celorico Drago e eng. Sebastião Garcia Ramirez, de Castro Marim, Alcoutim e Vila Real de Santo António, Pedro Neto Graça, João Baptista Gago, D. Maria José Faustino, Francisco Faustino Júnior, José Brás Pereira e dr. Apolinário José Leal, de Faro e Alportel; dr. João Grade Cabrita Santos, José Cândido Rocha da Trindade, Luís de Freitas Figueiredo Mascarenhas, Joaquim Eugénio Júdice Rocha, José Veiguiña Pescada e Teófilo Rocha Trindade, de Lagoa; José Mestre Rezve, José Augusto de Brito Cabral, José Filipe Fialho, Joaquim Lobo de Miranda, Luís Rosado Cardoso e Abel Figueiredo Luís, de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo; Sociedade Agrícola Industrial do Algarve, Lda., Modesto da Costa, Manuel Monteiro, Francisco de Brito da Mana, Gervásio António Santos e Felisberto Mateus Baixinho, de Loulé; Júdice Fialho & C.ª, eng. Jorge Arsenio Oliveira Moreira, eng. Francisco Luís Fialho Calado, Alberto Ramos Mendes, João Veríssimo de Melo e João da Costa Santana, de Portimão; Francisco Afonso Madeira, João Rodrigues Figueira Santos, João Águas Serra, dr. João Rocha Cardoso, Inácio Felício e dr. José Manuel Neto de Meneses, de Silves; José da Encarnação Martins, José Rosa, Domingos Antunes Madeira, D. Maria Luísa Marques de Azevedo, José Rodrigues Diogo e António Augusto Soares, de Tavira.

FRIEIRAS...

mesmo ulceradas

Só as tem, quem as deseja ter! Usando «QUEIMAX», desaparecem-lhe em pouco tempo. À venda nas Farmácias.

BILHAR

Vende-se, em estado novo. Tratar com Nuno da Piedade Costa — Alg.oz.

Vendedores «FENDT»

A firma PALMA & PALMA, LDA., com sede em Cabeça Gorda, Beja, representante no Sul do País dos afamados tractores alemães «FENDT», necessita vendedor, para a província do Algarve. Dirigir à sede da firma ou pelo telefone 26.



A sonda SIMRAD-Mestre de visão panorâmica A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA COMPLETAMENTE ESTANQUE ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L. — AGENTES EM TODO O ALGARVE —

“Sete poemas rebeldes e carta a Pablo Picasso”

Continuação do 1.ª página

não constituem o melhor do livro: são todavia as composições que, no momento da selecção, considere mais representativas do que pretendo transmitir».

Do exposto se conclue que estamos em presença dum trabalho com crítica feita. O autor, não querendo deixar seus créditos por mãos alheias, entendeu por bem ajuizar a sua obra, dizendo-nos que ela tinha carácter de mensagem, e que sendo a selecção bem representativa dum livro elaborado na contemplação demorada da própria poesia, se deveria compreender como a parte dum todo enorme. Estas conclusões são boa advertência aos zollos que sintam a veleidade de meter a foice nesta seara que proliferou para aquém de Fernando Pessoa.

Manifestamente, não vamos criticar coisa alguma. Nesta secção apenas se dão notícias dos trabalhos que nos são distribuídos, acrescentando-se-lhes, quando muito, algumas notas muito pessoais, dadas a título de impressões de leitura. Que isto fique bem assente no entendimento de todos. Demais sabemos nós quanto difícil é a gente pronunciar-se sobre composições onde o modernismo aflora, dando forma a estados de alma, porém expressos na linguagem própria dessa mesma alma confessadamente rebelde a convencionalismos.

Essa rebeldia quanto à forma de expressão, é que torna muitas vezes o poeta incompreendido. Não por culpa do artista, mas por fatalidade nossa, que não possuimos o condão de captar mensagens para além do jogo verbal corriqueiro a que estamos acostumados. Note-se, entretanto, que fatalidade não é culpa. A culpa também não é nossa.

Cada homem é um mundo complexo, e se é difícil compreendê-lo quando nos revela os seus mais íntimos pensamentos ao nível rasteiro do nosso pensamento, muito mais difícil se torna a sua compreensão quando, intensamente abraçada a uma linguagem «sui generis», é através dela que se nos apresenta.

Ora Casimiro de Brito, segundo ele próprio nos confessa na «carta a Pablo Picasso», venera os símbolos e, se não estou em erro, com símbolos constrói grande parte do seu poema. Daí a dificuldade da sua poesia, para quem não é conhecedor dos meandros complicados desse rio não menos complicado, por onde corre a veia caudalosa da inspiração duns quantos modernistas.

Eu julgo ver, nestes processos, algo de subtil que escapa à minha mentalidade de homem vulgar. Assim, quando Casimiro de Brito, no «Hino ao sol», nos diz não saber se este astro estará meio-vivo ou meio-morto, a dúvida do poeta põe-me em confusão, dado que, tradicionalmente, o que está meio-vivo está também meio-morto. Admito contudo que a ideia seja harmónica em linguagem simbolista. O mesmo acontece no poema «A Fábrica», onde «nem o invisível corpo da esperança tem esperança»; na «Angústia», onde o poeta procura a «improvada verdade que somos e não somos». Esta ideia do ser e do não ser surge amiúde.

Eu bem sei que a vida é constituída dum rosário infundável de dúvidas, onde não fica mal situar um constante paradoxo.

Este incessante perguntar do homem com relação aos problemas

IMPRESA

«Praia do Sol» — Entrou no 10.º ano de vida este estimado colega que se edita na Costa da Caparica, servindo o populoso concelho de Almada. Por tal motivo, cumprimentamos o seu director, sr. António Correia.

«O Odemirense» — Completou mais um ano de existência, este prezado colega que serve a importante vila alentejana de Odemira. Ao seu director, sr. Alberto José de Almeida, as nossas felicitações.

do universo, foi o grande responsável de velhas práticas e ritos, determinou o aparecimento das várias religiões e abriu o ambiente às discussões metafísicas. Não admira nada que tivesse provocado em Casimiro de Brito o poema «Angústia», onde ele nos fala, com certa propriedade, da «incompreensão do íntimo significado das coisas» dizendo-se... «confusamente louco por nada saber» e interrogando-se «como última solução, como solução nenhuma». Poema inspirado no metafísico? Parece que sim. Ponto esta hipótese mas não arrisco nada por ela, até porque o poeta, num outro momento, sem dúvida num outro estado de entrega absoluta, nos afirma que o seu «passaro de fogo» o «sepulta vivo no ventre das coisas». Ora vivo é como quem diz: consciente. No ventre das coisas entendemos nós: no âmago dos intrincados problemas que se põem ao homem. A ser assim, agora a atitude é anti-metafísica. E depois talvez não. Talvez seja equívoco nosso, fruto desta maldita incapacidade para interpretarmos certas mensagens demoradamente meditadas.

Apesar do realismo de alguns versos — caso do poema «A Fábrica» — o fenómeno da poesia em Casimiro de Brito, é possível resultar dum mau estar muito pessoal, de cariz psicológico e carácter passageiro, que lhe determina ora o desânimo seguido da meditação, ora a rebeldia causada por um anseio de revindicta. Estes dois estados de espírito alternam-se, consoante a intensidade com que a esperança alumia o futuro. Há alturas em que a esperança não tem esperança nenhuma. Outras vezes, pelo contrário, o horizonte tingem-se de cores radiosas e então a «entrega» surge mais intensa de vigor.

Quanto a nós, estes sete poemas rebeldes não reflectem o desinteresse sadio do idealista, reclamando mais harmonia e justiça para os oprimidos. Antes parecem ser, isso sim, o grito inconsoado dum desprotegido, ou que como tal se julga, procurando marcar presença através do refúgio da poesia. E depois talvez não. Talvez seja equívoco nosso, apesar de que está escrito: «A angústia é a minha, o desespero é o meu...». «Se me alargo e multiplico, pelo fenómeno poético, a culpa nem é minha, nem é culpa. Estou presente!».

E, a reforçar esta ideia, lá está escrito também: «Junto ao fogo, entre os meus versos, eu sou grande...».

Por momentos, julgo ver em Casimiro de Brito qualquer coisa que o determina, o desespera, e o empurra tal como Cesário Verde. Isto, claro, à parte a diferença de escolas. Cesário era um lírico, um parnasiano. Mas os tempos são outros e a casualidade, embora muito certa na ciência, não se verifica no ambiente da poesia.

De qualquer modo, este moço louletano revela-nos um temperamento muito curioso sintetizando em poemas todas as suas queixas, todos os seus sobressaltos, com uma verdade que confere ao seu trabalho o cunho dum documento humano. Vê-se que sofre no ambiente em que está situado, e que arrasta a vida sonhando... talvez um tanto líricamente (ele que tanto odeia o lirismo!). O rodar dos anos e o melhor conhecimento da vida, hão-de fazer-lhe bem. Talvez lhe mostrem que o seu pessimismo era mais subjectivo do que objectivo, mais aparente do que real; talvez lhe mostrem que o suicídio nunca é solução, nem mesmo «no incêndio de versos heróicos».

E quanto ao resto... um resto com que ele talvez tivesse pretendido magoar-me, não há resto nenhum. Não pensemos mais nisso.

J. Silva Carvalho

J. A. de Araújo

ARTIGOS DE PESCA

Fios Nylon para redes, Anzóis, Canas, Carretes, Amostras, etc. etc.

25 - Rua Remolares - 27

15 - Travessa dos Remolares - 15

Telefone 25608 LISBOA-2

Funcionalismo público

Foi nomeado chefe da 2.ª secção do tribunal da comarca de Seia, o sr. Haduindo da Silva Xabregas Santos, escrivão de 2.ª classe do tribunal de Loulé.

— Para o lugar de terceiro ajudante, foi contratada a escriturária da Conservatória do Registo Civil de Faro, sr.ª D. Maria de Lurdes Figueiras de Alcobia.

NOVOS CORPOS GERENTES

Clube Recreativo Tavirense

Foram eleitos os seguintes sócios para gerirem, em 1959, o Clube Recreativo Tavirense:

Assembleia Geral — presidente, Alfredo Augusto Cordeiro; vice-presidente, Isidro José Leiria; secretários, Benedito Dias e José Joaquim Justino Zacarias.

Direcção — presidente, Alberto do Nascimento Jara; vice-presidente, José Francisco dos Santos; secretários, Fernando Manuel Vieira e Manuel Francisco de Brito; tesoureiro, José Clementino de Sousa. Substitutos: Vitorino Feliciano Cardoso e João Agnelo de Brito.

Conselho Fiscal — presidente, Sebastião José da Luz; secretário, Laurentino de Jesus Gonçalves; relator, Joaquim Jerónimo de Almeida. Substitutos: João Fernandes dos Santos Parreira, Sebastião António da Encarnação e António José de Barros.

Ginásio Clube de Tavira

Effectuou-se a eleição dos novos corpos gerentes do Ginásio Clube de Tavira, que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — presidente, cap. José de Castro Sousa; vice-presidente, Abílio Costa Encarnação; secretários, José Aníbal Palma e Silva e António Luís dos Santos.

Direcção — presidente, dr. Eduardo dos Reis Viegas Mansinho; vice-presidente, Casimiro Vito Carreira; secretários, Liberto dos Mártires Laranjo Conceição e Daniel da Cunha Dias; tesoureiro, João Bandeira Carvalho. Substitutos: José Alberto Capela, José Fernando Chagas Cansado e Emiliano do Nascimento Palmeira.

Conselho Fiscal — presidente, eng. Oswaldo Baptista Bagarrão; secretário, Rui Mário Baptista Peres; relator, Fernando Dario Bandeira Carvalho. Substitutos: Manuel Abílio Rodrigues de Sousa, António Irineu do Carmo Baracho e Aníbal Galhardo Palmeira.

Cine-Foz

DOMINGO, Senechal, o mágico, com Fernandel. (Para 17 anos).

TERÇA-FEIRA, O grande bluff, com Eddie Constantine. (Para 17 anos).

QUINTA-FEIRA, Mister Cory, com Tony Curtis.

CINECLUBISMO

Olhão — Em Assembleia Geral Ordinária realizada em 2 deste mês foram eleitos os seguintes associados para em 1959 dirigirem o Cine-Clube Olhanense:

Assembleia Geral: João Lobo de Miranda Trigueiros, Nuno Guerreiro Cabecadas e José Fernandes Lisboa.

Direcção: dr. Vítor Pinto Quintas, José Paulo Mendes, Carlos Macheira, Joaquim Carlos Silvestre, Luís Verissimo Netto Trigueiros, Francisco Rio Carapucinha e prof. Oscar Manuel Guerreiro.

Conselho Fiscal: António Ventura, João Celestino Brás e João Feliciano Colucas.

ADUBOS

SUPERFOSFATOS 15%, 18% e 42% — em pó e granulados

SULFATO DE AMÓNIO — do Amoníaco Português e de «COBELAZ»

NITROCALCIAMON «COBELAZ» — com 20,5% de azoto (metade nítrico e metade amoniacal) contendo cal

SULFONITRATO DE AMÓNIO «COBELAZ» — com 26% de azoto (7% nítrico e 19% amoniacal)

NITRATO DE SÓDIO — com 15,5% de azoto nítrico

NITRATO DE CAL — com 15,5% de azoto nítrico

CIANAMIDA CÁLCICA, SULFATO DE POTÁSSIO e CLORETO DE POTÁSSIO

ADUBOS QUÍMICOS MISTOS, em pó e granulados

** **

S. A. P. E. C.

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL

LISBOA:

Rua Vitor Cordon, 19-1.

Tells.: 366426-366427-366428

366429-30715-30716-30717

Telegs.: SAPEC-LISBOA



AGÊNCIA NO PORTO:

rua da Liberdade, 53-1.º

Telegs.: 23727 e 26444

Telegs.: SAPEC-PORTO



A solução do seu problema... está aqui!

...se a sua casa não dispõe ainda de corrente eléctrica não se prive por mais tempo de possuir o mais sensacional aparelho de rádio. Em onda média ou em onda curta «apanhará» os mais distantes emissores.

O novo modelo Mediator a Transistor funciona com um consumo insignificante, quer com uma pilha de 6 Volts quer com uma pequena bateria de pouca amperagem. E quando a rede de energia chegar a sua casa, nada mais terá que fazer senão ligar a ficha com que vem equipada, a qualquer tomada de corrente



BAIRRO DA LATA

por JOSÉ CINTRA DIAS

há uma criança que chora. Um choro convulsivo, impertinente tão triste como um lamento. Dois olhinhos miúdos, por baixo de uma rala cabeleira brotam lágrimas mornas que deslizam por uma pele fina e rosada. Duas mãozinhas sujas de lama que procuram alcançar um galho de uma figueira... Que procuram alcançar aquilo que está mais alto que o seu pequenino e frágil corpo. O vento levanta as suas roupinhas esburacadas, descobre-lhe as pernas e toda a nudez do corpo. E' uma alma pequenina nos escombros de uma sociedade em ruínas. Ela chora, chora, e num ricto de dor ergue as mãos ao céu, como que suplicando...

A vos esgançada de uma megera entoa pelos ares. E' uma canção ordinária, que encobre maldade, grosserias e miséria moral. Ela abre a boca expelindo baforadas de rancor, e ao mesmo tempo de profunda tristeza.

Há um serrote sobre a capoeira das galinhas. O homem enxota os animais e penetra nela. Utilizando o serrote vai cortando pequenos bocados de madeiras quase podres. Não tem pregos, utiliza arame sujo e ferrugento. Reconstrói a capoeira quase demolida pelas intempéries; depois, como que impellido por uma mola, levanta-se, sai, e em voz aspe-

ra e rude, grita. A mesma criança de há pouco tropeçara e gritava aflitivamente. O homem prendendo a pequenina mão da criança entre as suas vai risondo blasfemias. «Oh diabos, por que não a levaste? E' sempre o mesmo infortúnio. Mais valia que acabasses com ela de vez...»

Junto à carraira de tiro, a poucos passos, nasce o casario. Um improvisado casario de gaiolas onde vive gente. E' o bairro da lata. Casas de frágil construção. Barro, pedras, madeira podre e latas. Moças da rua, cadavéricos, olhos sombreados por uma infinita tristeza. Moças de uma palidez de tísica, de seios pequeninos, vestidos descobrindo a nudez de seus corpos...

A terra está mole e deixa bem desenhados os contornos das passadas daquela gente pobre. A terra também é nua.

Há um ribeiro estreito e infestado de mosquitos. As crianças escolheram-no como o melhor local para as suas deambulações. Gostam de ouvir as rãs nos charcos em putrefacção. E' tão bonito ouvir as rãs, não obstante as picadinhas dos mosquitos...

Um vento rijo levá atrás de si algumas telhas e quebra-as em estilhaços de encontro ao chão.

Mil e uma pragas de raiva. O pobre habitante do casebre lança as mãos à cabeça e num esgar de dor, grita maldições... Terá que procurar mais latas, latões e madeiras esquecidas... Terá que reconstruir o misero telhado, terá que repará-lo, talvez. Os cães ladram. As crianças gritam, as mulheres assustam-se. Um vento ciclónico cai sobre a aldeia de lata. Há casas que abalam, e outras que se desfazem. O vento arrasta consigo peças de vestuário, utensílios e outras tantas coisas. Há crianças que choram, homens que berram, mulheres que gritam histéricamente...

Mas chega a calma. Novamente o serrote corta bocados de madeiras as crianças vão para o charco infestado de mosquitos, e a criança loira procura alcançar o galho da figueira. E' assim a vida desta gente, que, revolvendo a terra dura, trabalhando para outrém, labutando no dia a dia, ainda não pode viver numa casinha de pedra e cal.

E há tanto bairro de lata por esse mundo de Deus...

Corra ao telefone!

Faro — Bombeiros Municipais, 188; Bombeiros Voluntários, 900; Polícia, 114 e 385. Lagos — Bombeiros, 143. Loulé — Bombeiros, 102; Polícia, 175. Olhão — Bombeiros, 100; Polícia, 144. Portimão — Bombeiros, 35; Polícia, 542. Silves — Bombeiros, 11; Polícia, 74. Tavira — Bombeiros, 111; Polícia, 135. Vila Real de Santo António — Bombeiros, 202; Polícia, 66.

Parques de Campismo

Conclusão da 1.ª página

E, assim, podemos responder à pergunta do articulista: «Por que não se reaniam as Comissões Municipais de Turismo e as colectividades campistas a instalar os seus próprios parques, subsidiando-as pelos fundos de turismo, onde se torne necessário?»

No Algarve, não é preciso reaniam as Comissões de Turismo.

Constata-se essa verdade quando, em Agosto, Setembro e Outubro do ano agora findo, procedi ao inquérito que o nosso jornal publicou, com agradável e eficiente expansão. Presidentes de Câmaras Municipais e os de algumas Comissões de Turismo, demonstraram que o problema os preocupa. A maioria, provou que o tinha em estudo e todos aludiram à necessidade de apoio das entidades superiores, porquanto a assistência técnica é assegurada pela Federação Portuguesa de Campismo.

Quando se der ao trabalho de compilar os números 71, 72, 74, 77, 78 e 81, do nosso jornal, verificará que o Algarve foi por nós percorrido, quase de lé a lé; que por nós foram colhidas preciosas informações, respeitantes a parques de campismo. Começamos, por Lagos. Nesta cidade, foi o Esperança Futebol Clube que substituiu a Comissão de Turismo, quanto à util iniciativa da implantação de um parque de campismo.

Quando ali passámos, procedia-se a obras de adaptação de um edifício e de uma parte do campo de jogos daquele popular clube.

Em Portimão, o sr. presidente da Comissão de Turismo da Praia da Rocha, de moto próprio, prestou-se a calcular, conosco, a zona da sua jurisdição, na pesquisa de um bom local para um parque de campismo e de turismo e acabou por afirmar que a Comissão oficiaria ao sr. arquitecto Paulo Cunha, técnico encarregado do plano de urbanização da Rocha, recomendando-lhe a demarcação e o traçado de um bom parque.

Quatro meses são passados. O estudo deve estar muito adiantado. Em Albufeira, o sr. presidente da Câmara Municipal, disse-nos que tinha em vista a instalação de um parque, no pinhal de Santa Eulália. Será construída uma estrada de acesso. O parque, terá boa água, luz eléctrica e um edifício que obedecerá a todas as exigências de higiene e de conforto. Perto do pinhal, existe uma bela praia. O mar, oferecerá aos pescadores desportivos, corvinas e pargos, em abundância. A vizinha armação de sardinha, à valenciana, será um belo motivo a ilustrar o cenário marítimo que da costa se desfruta.

Em Faro? Desde 1956 que o sr. presidente da Câmara Municipal procura resolver o problema de que vimos tratando.

Quando, há meses, de novo o abordámos, o sr. presidente disse-nos que suspendera o estudo, entre mãos, por lhe ter sido presente, por uma entidade particular, luso-americana, o plano da implantação de um parque de turismo-campista.

DIVERSAS

Construção de bairros — O Ministério das Obras Públicas, pelo Fundo do Desemprego, concedeu participações à Câmara Municipal de Faro, para construção de um bairro de casas de habitação para as classes pobres naquela cidade, reforço, 103.000\$; à Junta Central das Casas dos Pescadores, para construção de um bairro para pescadores, em Monte Gordo, 40.000\$.

Trabalhos públicos — Foram autorizadas as Câmaras de Lagoa e Portimão a contratarem com o Fundo do Desemprego subsídios reembolsáveis, respectivamente, de 70 e 150 contos, destinados à realização de trabalhos públicos.

Estradas e caminhos — O Ministério das Obras Públicas concedeu à Câmara Municipal de Faro um subsídio de 50 contos como participação em encargos de mão-de-obra com a execução urgente de trabalhos de reparação de estradas e caminhos danificados pelos últimos temporais.

Assistência — O Ministério da Saúde e Assistência concedeu os seguintes subsídios: à Misericórdia de Faro, 50.000\$00 e à Comissão Municipal de Assistência de Loulé, 8.140\$00.

Casa do Povo da Conceição de Faro — Foram aprovados os estatutos deste novo organismo corporativo o qual servirá uma população de 3.000 habitantes. A gente da freguesia inscreveu-se com donativos em dinheiro, trabalho e materiais que somam cerca de 20 contos.

Praia da Rocha — O sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão foi recebido pelo sr. subsecretário das Obras Públicas com quem tratou de problemas referentes à urbanização e valorização da Praia da Rocha.

Palácio da Justiça de Faro — Informa o nosso prezado colega «Correio do Sul» que já se encontra em Faro o primeiro subsídio de 4.000 contos para a construção do Palácio da Justiça daquela cidade.

Posteriormente, soubemos que a proposta dessa firma não foi aceite e que a Câmara votou a verba de trezentos contos para a implantação de um parque de campismo na praia de Faro.

Na Praia de Quarteira, o sr. administrador-delegado da Junta de Turismo afirmou-nos que a instalação de um parque, há muito planeada, apenas dependia da solução de demoradas formalidades burocráticas.

Nesta altura, o caso terá sido resolvido.

O sr. presidente da Câmara Municipal de Tavira, afirmou-nos que um parque de campismo será instalado na ilha, ou seja a futura praia de banhos, pela qual toda a cidade anseia, logo que se consiga a desafectação daquela zona; que a desafectação se tentará quando seja fundada a Junta de Turismo e que a Junta de Turismo se fundará quando a entidade competente dê despacho ao expediente que lhe foi patente, — há dois anos..

A entrevista, realizamo-la em Outubro.

Certamente, nesta data, já a entidade competente terá dado o ambicionado expediente à documentação que lhe foi enviada, — há dois anos. Em Vila Real de Santo António, a Comissão de Turismo, apoiada interessadamente, pela vereação de então, foi a iniciadora e a realizadora da implantação do excelente parque da praia de Monte Gordo. O sr. presidente da Comissão, entrevistado em Outubro, comunicou-nos a agradável notícia da ampliação do campo e das instalações, em virtude do que existe ser insuficiente, em relação ao grande número de campistas e de turistas-campistas que ali ocorrem.

E Sagres? E Monchique? A seu tempo, saberemos o que pensamos, a esse respeito, os srs. presidentes das Câmaras de Vila do Bispo e de Monchique.

Como se verifica, o Algarve terá, dentro de pouco tempo (tudo é relativo) uma rede de óptimos parques para receber a crescente avalanche de campistas e de turistas-campistas, nacionais e estrangeiros, que demandem, na época própria, este ridente «jardim das trinta léguas».

E se os organismos oficiais, com funções de financiamento, subsidiarem as Câmaras Municipais e as Comissões de Turismo, e se a máquina burocrática não emperrar, restando a papelada inevitável, essa rede estabelecer-se-á, rapidamente, a bem do turismo nacional e regional, sem necessidade de se recorrer à iniciativa e ao estímulo de pessoas ou de entidades estranhas à nossa Província.

João Trigueiros

SARAU CULTURAL na Casa do Algarve

DECORREU com muito brilho o sarau de homenagem ao sr. prof. Charles Oulmont, promovido pela escritora sr.ª D. Mécia Mousinho de Albuquerque e que se realizou ontem à noite na Casa do Algarve. Falaram os srs. major Mateus Moreno, tenente Campos e Sousa e prof. Charles Oulmont, tendo declamado e feito leituras de trechos de livros do homenageado algumas senhoras e cavalheiros. Alguns trechos foram ilustrados com música do nosso prezado colaborador sr. Arnaldo Martins de Brito.

O voo das aves

MENINO José Manuel Rodrigues Romba, aluno do Externato D. Sancho II, de Mértola, apanhou durante as férias, nas proximidades da casa de seus pais em Alcaria (Espírito Santo), um pequeno pássaro de migração, ao qual naquela região se dá o nome de «ferreirinha». Verificou-se que a ave era portadora de uma anilha com a seguinte inscrição: «Vogelwarte Elgoland 9093342».

Também em Vila Real de Santo António foi capturada pelo sr. João de Sousa Parreira uma gaióva com uma anilha em que se lia: «Zoolo-museum Copenhagen Denmark 481923».

CADEIRAS ARTICULADAS

Para praia, campo, cafés, esplanadas, sociedades de recreio, circos, etc. — Comodidade aliada à elegância e simplicidade — Fabricadas com madeiras secas e de boa qualidade — Acabamento perfeito — Fácil arrumação: as cadeiras do mod. 2, am-pilhadas a 2m 50, equivalente a 50 unidades, ocupam somente a área de 1/2m2.



MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Av. da República, 118 a 120
Vila Real de Santo António

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Campeonato Nacional (II Divisão) Comentários por ENCARNÇÃO VIEGAS

Impôs-se a melhor técnica dos algarvios

Sacavenense, 0 — Portimonense, 1

Final, sempre tínhamos razão quando dizíamos, em «escritos» anteriores, que a turma de Portimão tinha elementos que, quando racionalmente aproveitados podiam constituir uma «equipa» e das melhores. E o jogo de Sacavém veio ilustrar a nossa tese.

Entrando no rectângulo com um plano preconcebido, os homens comandados por Di Paola souberam neutralizar o ímpeto dos donos do terreno, que não conseguiram, apesar da garra com que se bateram, subjugar uma turma, tecnicamente superior, que soube desenvolver a

sua «ideia» no melhor sentido, pois que, servida por jogadores tecnicamente mais evoluídos, chamou mercedemente a si os dois pontos em litígio, mesmo contando com Martin em manifesta incapacidade física.

Ameaçados pelos maus resultados intra-muros, os algarvios da Praia da Rocha apareceram agora como sérios candidatos ao terceiro posto, ou seja à qualificação para a fase imediata.

O campeonato necessitava de um Portimonense em boa forma, e ela talvez venha na melhor altura. Assim eles o queiram.

OS GOLOS APARECERAM MUITO CEDO

Farense, 4 — Serpa, 1

Ao jogo desenvolvido pelas duas turmas, temos de reconhecer que o «score» final é demasiado desnevelado. Nem o Serpa jogou tão mal que justifique a punição, nem o Farense foi tão superior que merecesse a diferença.

Simplemente, enquanto os locais, ao aproximarem-se da grande área, visavam decididamente a baliza adversária, utilizando um sistema de passe curto e certo, mas sempre com o sentido de golo, os alentejanos, mais brilhantes no meio campo, não eram suficientemente decididos em penetrar na última linha de Faro, rematando de longe e com poucas possibilidades de bater o guardião algarvio.

Dessa dissemehança de processos beneficiou a turma da capital algarvia, visto que até ao intervalo marcou três tentos, criou e inutilizou outras tantas ocasiões e pôde atingir, assim, os quarenta e cinco minutos iniciais sem preocupações de maior quanto ao desfecho final.

É claro que este estado de espírito tinha que forçosamente reflectir-se na produção da equipa de Vieira, no período complementar. Assim,

os visitantes aproveitando a aparente «quebra» dos alvi-negros, apareceram mais no meio campo destes, quase sempre em lances de contra-ataque que criavam muitos embaraços à defesa de Faro, cujos elementos se viam quase sempre sem adversário directo a marcar, mas eram depois «ameaçados» pela maleabilidade dos homens de Serpa, cujos atacantes, sempre em movimento, surgiam em todos os pontos do terreno, conseguindo o tão almejado e merecido, diga-se, ponto de honra.

Depois deste tento o Farense «despertou» e pôs na luta um pouco mais de entusiasmo, dando então uma ideia do seu futebol. Mas obtido o último tento, tudo voltou à monotonia e quietude anteriores.

Sintetizando: a partida não foi tão boa como se aguardava, nem tão má como se disse. Deve analisar-se uma pugna pelo que ela foi e não pelo que poderia ser, porque às vezes as desilusões conduzem a exageros.

Partida calma, nela houve uma expulsão. Mas essa só devida à precipitação do árbitro, que de resto não esteve muito feliz.

Só depois da igualdade «surgiu» o Olhanense

Almada, 1 — Olhanense, 1

O empate verificado no campo do Pragal não deixa de constituir um «prémio» para as duas equipas em presença.

Para os locais, equipa jogando em velocidade, com boa ligação entre os seus sectores e com um padrão de jogo atlético e definido, mas que não pôde subjugar um «onze» que soube defender-se dos ataques do antagonista e pensou ainda no ataque. Para o Olhanense, que, debruçando um adversário valoroso e consciente, pôde anular-lhe, embora não totalmente, os intentos ofensivos e alcançar ainda um tento que lhe garantiu uma igualdade que justificou no trecho final do prélio, exibindo ainda um pouco do seu «association».

Foi mesmo depois do seu golo, obtido na conversão de uma grande penalidade, que o «team» de Joaquin

Paulo se aproximou mais do seu real valor, podendo mesmo ter resolvido a contenda a seu favor, se os seus avançados têm revelado um potencial de remate que já mostraram, mas que ultimamente parecem ter olvidado.

Realmente, a atentarmos nos últimos resultados do quadro da vila cubista (exceptui-se o jogo com o Sacavenense) parece que Ângelo e os companheiros perderam aquele sentido objectivo, que lhes permitiu «scores» e exhibições valiosas, mesmo em campos adversários.

Que a equipa «sabe», já no-lo demonstrou, mas é preciso que se não deixe esquecer o «processo», pois com golos é que se ganham os desafios.

Jogos para amanhã

OLHANENSE - Beja
CORUCHENSE - FARENSE
PORTIMONENSE - Almada

Clube de Futebol Esperança

Fundado em 20 de Setembro de 1912
LAGOS
12 de Fevereiro de 1952

À «Pensão Mateus»
Vila Real de Santo António
Amigo e Senhor:

Embora um pouco tarde, motivado pela eleição dos novos Corpos Gerentes, venho, pela presente, afirmar a V. S.ª os n/ melhores agradecimentos pela maneira altamente simpática, com que foram recebidos os jogadores, dirigentes e acompanhantes do C. F. Esperança, nas suas deslocações a essa localidade, por V. S.ª e pelo eficiente pessoal que trabalha nessa Pensão.

Queremos, ainda, destacar a maneira cuidadosa e conhecedora da organização das ementas, preparadas exclusivamente para os n/ jogadores de futebol.

Renovando os n/ agradecimentos sinceros, sou, com elevada estima e consideração.

De V. S.ª
Muito Atenciosamente
O Director-Secretário
David M. Paixão



Campeonato Distrital de Reservas

Resultado do jogo efectuado no domingo:

Silves, 1 — Portimonense, 4

O jogo Lusitano-Farense não se realizou por motivo de força maior, devidamente considerado pela A. F. F., tendo ficado transferido para amanhã às 15 horas.

Campeonato Distrital de Juniores

Na primeira jornada verificaram-se os seguintes resultados:

Olhanense, 9 — Silves, 0
Farense, 3 — Portimonense, 0

Jogos para amanhã

Silves-Farense (11 horas)
Portimonense-Olhanense (11 horas)

A Associação castiga...

A A. F. F. puniu com 1 jogo de suspensão, o «capitão» do Desportivo de S. Brás, José P. S. Moreno, por se ter provado a sua interferência nas quezílias do jogo que o seu clube realizou em Loulé; e o S. C. Olhanense com multa de 40500\$, por não ter apresentado ao árbitro os cartões dos seus jogadores Fernandes e Santos.

O Ensino no Algarve

Alunos louletanos premiados

Como é de simpática tradição, a Câmara Municipal de Loulé promoveu mais uma distribuição de prémios pelos alunos naturais do concelho que mais se evidenciaram no ano lectivo findo. Os premiados foram os seguintes: Carminda Maria Mariano Cavaco, 2.º ano do Curso de Ciências Geográficas, da Faculdade de Letras de Lisboa, «Prémio Dr. Oliveira Salazar»; Dina Maria Mendes Rodrigues, finalista do Curso Lical (5.º ano), «Prémio Engenheiro Duarte Pacheco»; Maria de Jesus Coelho Silva, finalista do 1.º Ciclo Lical, «Prémio Cândido Guerreiro»; José Rosa Simão, 2.º ano de Teologia, «Prémio Mons. Freitas Barros»; Elsa Maria Bexiga Anselmo, finalista do Curso do Magistério Primário, «Prémio D. Ermelinda Aboim»; e Aristides Jorge de Sousa Gema, Instrução Primária, «Prémio Prof. Cabrita da Silva».

Escolas técnicas

Foi nomeado, interinamente, professor-secretário da Escola Industrial e Comercial de Loulé, o sr. Dr. Alberto Augusto de Carvalho Machado.

Foi aprovado o contrato celebrado para o desempenho das funções de terceiro-oficial da Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, com o sr. José Coelho Seara, aspirante da Escola Industrial e Comercial de Viseu.

Escolas primárias

As regentes sr.ªs D. Fernanda Baptista Primitivo e D. Maria Ana, foram transferidas respectivamente, dos postos escolares de Vilariños (Alportel) e Goldra (Loulé), para os de S. Bartolomeu (Castro Marim) e Ferradeira (Faro).

Os professores sr.ªs D. Carolina de S. José Lima, D. Lucinda Pereira dos Santos, D. Maria Suetete Amaro Pavão, D. Mariana Rita Soares, e srs. António Nunes Carneiro, Eduardo de Sousa Flor, José da Silva Franco e os regentes sr.ª D. Maria Paulina de Jesus da Glória e sr. Manuel Correia Dourado, foram nomeados regentes de curso de educação de adultos, respectivamente para o 1.º feminino de Ferragudo (Lagoa), misto de Alcantarilha (Silves), 1.º feminino do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Sotavento do Algarve (Olhão), masculino do Sindicato Nacional da Indústria de Conservas (Lagos), 1.º masculino de Algoz (Silves), 1.º masculino de S. Marcos da Serra (Silves), 1.º masculino de Lagoa e 1.º feminino da firma Feu Hermanos (Portimão) e masculino da Casa do Povo da Luz (Tavira).

Foi nomeada para o quadro de agregados a sr.ª D. Natércia Rosa Vilão Bernardo.

A sr.ª D. Maria Olávia Cristóvão Ricardo, professora da escola feminina de Calvos (Silves), foi au-

O RESULTADO FINAL

não mostra o que se passou

Ayamonte, 4 — Lusitano, 2

Retribuindo o jogo que o Ayamonte C. F. realizou no dia 1, em Vila Real de Santo António, deslocou-se na tarde do Dia de Reis à vizinha cidade andaluza, a turma principal do Lusitano F. C.

A primeira parte do encontro, que terminou sem golos, foi disputada com jogadas alternadas sem profundidade concretizadora. Neste particular os algarvios levaram a palma.

No tempo complementar, já com Travassos integrado no quinteto avançado do Lusitano, o jogo tomou um aspecto mais «perfurante», dado que os aiamontinos também procuravam afinadamente marcar golos. Foi uma meia hora de jogo agradável, cheia de emoção, finalizada com um empate a duas bolas, resultado que seria o mais lógico para o final da partida. Ao entrar-se porém, no último quarto de hora do encontro, «nuestro hermano» o árbitro, concebeu o golo do desempate, golo que não existiu e que havia de estragar uma partida que estava a ser bem disputada. Assim, começou a «apoteose teatral» com que costumam terminar estes encontros em Ayamonte, quando a turma local não tem a vitória assegurada. O Lusitano não pode queixar-se, pois não é a primeira vez que tal sucedeu. As providências deviam ser tomadas enquanto era tempo, não deixando arbitrar a partida um natural de Ayamonte.

Antunes, Gonçalves, Germano e Rodrigues, formaram o quarteto que mais brilhou. — J. J. C.

Pense nos que são MAIS POBRES

Depois de uma doença, sobram quase sempre alguns remédios (comprimidos, injeções, xaropes, etc.). Não os inutilize. Entregue-os ao hospital ou ao posto de socorros da sua terra. Eles ajudarão a aliviar os padecimentos dos mais pobres.

torizada a contrair matrimónio com o sr. José Gomes Romeira Morgado.

— Foi colocada, em comissão, na escola mista de Marchil (Faro), a sr.ª D. Armanda Luísa Gomes Guerreiro, professora da escola feminina de Ferreiras (Albufeira).

— Do quadro de agregados do distrito escolar de Lisboa foi transferida para o de Faro a professora sr.ª D. Maria Antonieta Leal.

— Foi criado e convertido em misto o 2.º lugar da escola feminina de Alte (Loulé).

— Foi criado um curso feminino de educação de adultos no núcleo de Alvor (Portimão).

— Foi concedido aumento de vencimento, por 1.ª diuturnidade, às sr.ªs D. Aristotelina Correia Gomes Calado e D. Orlanda Ribeiro Rodrigues, professoras respectivamente das escolas de Estói (Faro) e Alvor (Portimão).

— A regente escolar sr.ª D. Judite dos Reis Rosado, foi transferida do posto de Foz (Castro Marim) para o de S. Lourenço (Loulé).

— Foram criados cursos mistos de educação de adultos nos núcleos de Bemposta, Guerreiros do Rio e Barrada (Castro Marim) Boucinhas e Ribeira Grande (Monchique).

— Foi nomeada para o quadro de agregados do distrito escolar de Faro a regente sr.ª D. Maria Francisca Marreiros.

— Foram criados o 3.º lugar masculino da sede do concelho de Castro Marim e o 8.º feminino de Lagos.

— Foi convertida em 3.º lugar feminino a escola mista de Castro Marim.

— Foi autorizado o funcionamento do 3.º lugar masculino e feminino de Castro Marim e do 8.º feminino de Lagos.

— Foram transferidas: do posto escolar de Colégio para o de Benafraim (Lagos), do de Benfarras para o de Estação e do de Pereiras para o de Poço Novo (Loulé), respectivamente as regentes sr.ªs D. Leonor do Nascimento Costa, D. Cecília de Jesus Mestre e D. Maria do Carmo Cavaco.

— Foi criada uma escola mista em Mexilhoeira (Lagoa) e um posto escolar misto em Ribeira Alta (Silves).

— Foi autorizado o funcionamento dos seguintes lugares docentes: 2.º masculino de S. Bartolomeu de Messines (Silves) e misto de Mexilhoeira (Lagos).

— A sr.ª D. Eliane Maria de Sousa Mendes, professora da escola feminina da sede do concelho de Faro, foi autorizada a contrair matrimónio com o sr. Jorge Morgado André.

— Para os postos escolares de Alcaria Fria (Tavira) e Fonte Santa (Cacela), foram nomeadas respectivamente as regentes sr.ªs D. Vitória Maria Mendes e D. Catarina Madeira Santos.

Acerte, se é capaz! Uma vitória do homem

Conclusão da 1.ª página

primeiros classificados, sendo ainda de esperar bastantes alterações na classificação. E como se não fosse suficiente, para incentivo dos concorrentes, o esplêndido receptor de rádio da marca «Mediator» que constitui o prémio desta fase, tem a mesma a dotá-la novo prémio, para o segundo classificado na obtenção de assinantes: nada menos que uma estadia para casal ou duas pessoas, durante sete dias, na excelente Pensão Mateus, em Vila Real de Santo António. Conhecedores das óptimas instalações e da esmerada cozinha da Pensão Mateus, o que nos habilita a calcular o real valor do novo prémio, perguntamo-nos, curiosos: Quem serão os felizardos?

Vão receber os prémios do cupão n.º 9 o sr. Rui Valentim Simplicio, de Vila Real de Santo António; a sr.ª D. Odete de Sousa Neves, de S. Brás de Alportel e o sr. Emílio

Correia Ribeiro, também de Vila Real de Santo António. As soluções são: 1.ª, Vila Real de Santo António; 2.ª, microfone; 3.ª, Alexandre Herculano; 4.ª, dinamite; 5.ª, Olhão; 6.ª, lua.

Novos prémios para «Acerte, se é capaz!»

A longa lista de utilíssimos prémios que desde o início do nosso Concurso atestam o interesse que este mereceu à indústria e ao comércio, temos hoje a acrescentar dois, que pelo seu valor não ficam atrás dos restantes. Trata-se de ofertas gentilmente feitas pelo sr. José dos Santos Júnior, arrendatário da Pensão Mateus, de Vila Real de Santo António, constando de uma estadia para casal ou duas pessoas, durante sete dias, e uma estadia para uma pessoa, também durante sete dias, na referida Pensão, cujas boas instalações e modelar serviço de mesa, lhe tem granjeado numerosos clientes.

Conclusão da 1.ª página

mos ascendido do paleolítico à era dos satélites artificiais. O que nos compunge é verificarmos que enquanto a ciência se afana em transcendentais especulações, o homem continua a viver o quase drama da sua miséria — a injustiça, a necessidade, os males físicos que o mortificam (e para os quais tanta ciência ainda não encontrou remédio) e a angústia do mistério do seu próprio ser.

Esta disparidade é que nos entristece, e enquanto essas requintadas ciências não conseguem garantir ao homem aquele modesto quinhão de bem estar a que todos aspiram, aquele convívio pacífico e moral que distancia o racional do irracional, enquanto isso não se obtiver não tem a ciência o direito à nossa incondicional admiração — mesmo que consiga colocar homens a passear na Lua, em Marte, em Vénus ou em qualquer desses outros mundos que para nós não passavam de maravilhosas estrelas distribuídas por Deus para distrair os meninos ou inspirar os poetas românticos e doentios que vagueavam de melena ao vento até os primeiros lívres da madrugada os convidarem a recolher às mansardas. Dêem à sofredora Humanidade a segurança de que o homem pode cumprir o seu ciclo vital, com um mínimo de preocupações — isentem-no da angústia da dor, da inquietação da miséria, do medo do aniquilamento, do terror da injustiça — e depois não lancem um foguete à Lua, queimem uma girândola que vá levar às estrelas mais remotas a nova de que o homem já é feliz.

Farmácia de Serviço

Vila Real de Santo António
De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito, telefone 31.

Viagem a França

Conclusão da 1.ª página

guia-se altivo, apesar do fraco nevoeiro pretender impedir-lhe a exibição da silhueta. Perto de sua casa uma ceifeira trabalhava no corte da erva há pouco despontada.

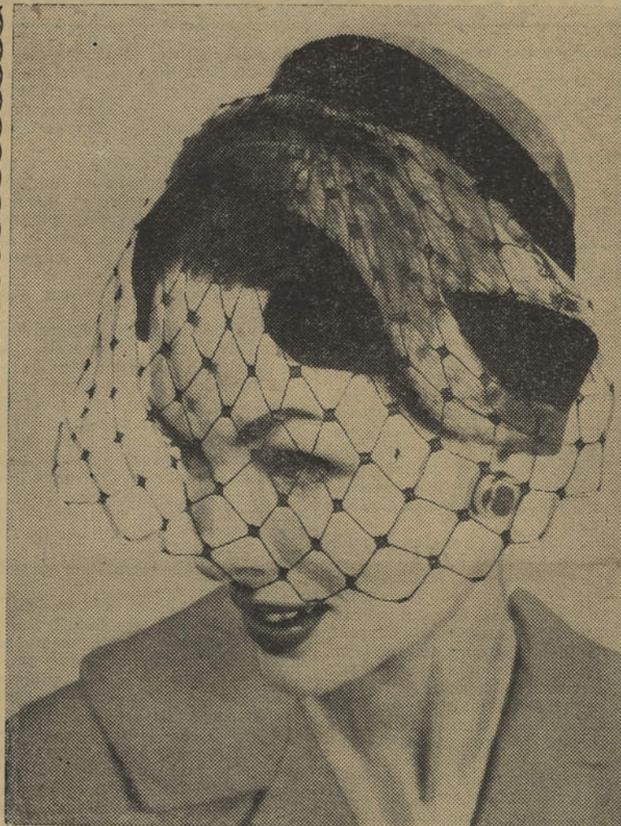
No monte parece nada faltar, desde o gás ao automóvel, não obstante a povoação próxima mais importante, Lavaur, ficar a 12 quilómetros. Apesar do isolamento, o comerciante e o industrial conseguem ver os seus negócios progredirem. O camponês não fabrica o pão. E o padeiro quem o distribui na sua furgoneta, dispondo para isso de estradas que vão até às regiões menos habitadas.

Manifestamos ao padeiro, que fazia os preparativos para o segundo e último «tour» do dia, o desejo de o acompanhar e partimos, depois de o veículo estar repleto de pão de tipo único e excelente qualidade. Divagámos pelos campos, ao longo das estradas por paisagens matizadas, atraentes, inéditas... A espaços víamos caixas de madeira colocadas ao longo dos caminhos, recipientes abertos, na direcção das quintas, que se destinavam, para economia de tempo, a servir de depósito à quantidade de pão usualmente consumida por cada cliente a quem a lide não permite vir recebê-lo das mãos do fornecedor. Mais adiante chegámos a uma quinta. Rápido mas sempre delicado o distribuidor serve a clientela, à porta, demonstrando conhecer-lhe o dialecto, linguagem «campestre» tradicional.

Finalmente chegámos à vila de Lavaur onde residiam os últimos clientes. Terra pouco progressiva, vivendo quase exclusivamente da agricultura, apercebemo-nos da sua monotonia, alterada por algum trânsito por servir de ponto de passagem entre Tolosa e a importante cidade de Albi. Os seus arredores são, porém, ricos. Os hotéis não perdem a «linha», apesar do aspecto antigo. A catedral de St. Alain, sec. XIV e a igreja gótica revelam-nos a sua cândida e longa existência. E o relógio automático da Renascença bem como o museu de história local lá estão à espera dos que, preocupados com evoluções históricas, gostam de os visitar... A furgoneta regressa, agora vazia, depois de ter cumprido o seu dever, despejando nas janelas de algumas casas da vila, entreabertas, o pão necessário aos seus moradores que, longe, se divertiam aproveitando o fim de semana.

M. Francisco Conceição

DE TUDO PARA TODOS



Eis um modelo de turbante que se deve ajustar a todos os rostos e a todas as cabeças, mesmo àquelas que nós classificamos de cabeças de vento. É confeccionado em «melusine» cor de coral e veludo preto e em homenagem às actividades do mar algarvio o artista adicionou-lhe um véu que lembra uma rede de pesca. Os peixinhos que se acatelem porque, com um preparo destes, pode dar-se o milagre de algum deles cair na rede!

A quadra de hoje

Amor é bem que maltrata — Delícia que faz sofrer — Mas quando o amor se afasta, A vida não é viver.

LUÍSA FERNANDA

Também na cozinha se pode ser artista

Sopa de caçador — Cinquenta gramas de banha ou azeite bom; seis pequenos pães, dois ovos, um litro de água, dois dentes de alho esmagados; restos de coelho — já cozinhados. Corta-se o pão em fatias muito fininhas e dispõe-se numa terrina espalhando por entre alhos esmagados. Numa caçarola deita-se o alho, o azeite ou a banha, e sal e deixa-se ferver, deitando-a na terrina sobre o pão logo que levante fervura. Tapa-se a terrina e deixa-se ao lado do lume para não arrefecer. À parte desfazem-se com um garfo bocados de coelho já cozidos. Juntam-se-lhe os dois ovos, sal e salsa e pimenta e bate-se tudo muito bem deitando-se em seguida sobre o pão. Tapa-se a terrina e mete-se na fornalha até estarem os ovos coagulados e a água absorvida, servindo-se em seguida.

O que eles pensavam

Podemos elevar-nos acima dos que nos insultam, perdoando-lhes. — *Napoléão.*

Os infelizes são sempre egoístas. — *Disraeli.*

A instrução faz sábios ou semi-sábios. A educação faz homens. — *Bonala.*

O que nos aborrece não é o trabalho, é a desordem em que o vemos. — *Purinton.*

A consciência é, simultaneamente, testemunha, fiscal e juiz. — *Martinez de la Rosa.*

Indicações úteis

Para embranquecer o linho: ensaboe as peças de linho e estenda-as ao sol. Quando a roupa estiver completamente seca, passe-a por bastantes águas limpas e ponha a secar. Este processo representa uma grande economia de sabão e de tempo e dá resultados surpreendentes.

Para desembaraçar os utensílios do depósito calcário provocado pela água, esfregue-os energeticamente com sal grosso molhado em vinagre forte.

O doce nunca amargou

Bolo de anjos — 1 chávena de açúcar areado; 1 chávena de farinha muito boa; 8 claras; 1 colher das de chá, de cremor tártaro; 1 colher das de chá crescent; 1 colher das de chá de açúcar baunilhado; 1 pitada de sal refinado.

Batem-se as claras em castelo, mistura-se o cremor tártaro e o açúcar e também o baunilhado; em seguida a farinha e o sal que devem ser peneirados três vezes.

Vai ao forno muito brando, numa forma sem ser untada e leva 60 minutos a cozer. Depois de pronto volta-se a forma sobre um prato e deixa-se ficar até arrefecer, que o bolo cairá por si.

Em seguida, recheia-se e cobre-se com a seguinte massa: 100 gramas de manteiga muito batida; 4 colheres de açúcar branco; 1 gema, e depois de tudo muito batido junta-se uma clara batida em castelo. Bate-se ainda bastante tempo, depois, recheia-se e cobre-se o bolo.

É agora não ria!

Dois industriais falam dos seus problemas.

— Que tal vão os negócios?
— Mal.
— E então?

— Vão tão mal que se isto continua assim a declaração de lucros que fiz para o efeito do imposto acaba por ser verdadeira.

ACERTE, SE É CAPAZ!

Cupão n.º 12

- 1 — Quem escreveu «Os Lusíadas»? (1 ponto)
- 2 — Como se designa a parte imaterial do ser humano? (4)
- 3 — Qual a cidade algarvia onde se situa o único museu regional da nossa Província? (5)
- 4 — Como se designa o condutor eléctrico empregado na telegrafia sem fios e na radiotelegrafia? (5)
- 5 — Que nome se dá ao balão que, cheio de gás mais leve que o ar, se eleva e sustenta na atmosfera? (6)
- 6 — Quem foi o único português que até aos nossos dias obteve um prémio Nobel? (2)

Nome _____
Morada _____

(Este cupão deve dar entrada devidamente preenchido na Administração do Jornal do Algarve, Rua da Princesa, 54, em Vila Real de Santo António, até à próxima sexta-feira).

Prémios atribuídos às respostas ao cupão n.º 12:

- 1.º prémio — 5 quilos da afamada tinta plástica «Excelsior», cor à escolha do premiado, oferta da Fábrica de Tintas e Vernizes «Excelsior», de J. A. Honrado & Callado, Lda., de Lisboa.
- 2.º prémio — Uma estadia de sete dias para uma pessoa na excelente Pensão Mateus, em Vila Real de Santo António.
- 3.º prémio — Um «mocho», executado nas oficinas de serralção e carpintaria do sr. Manuel da Silva Domingues, em Vila Real de Santo António, oferta daquele nosso amigo.

NYLON FIOS E CABOS PARA A PESCA

Fios nylon para redes mareeiras, pesca da melva.
Fios nylon para redes, pesca da corvina.
Fios nylon para redes, pesca do savel.
Fios nylon para redes e palangras da pesca do atum de 50 a 150 quilómetros de comprimento (sistema japonês).
Fios nylon para redes da pesca nos rios e mar com resultados de 200 a 500%.
Fios de algodão para todas as pescas ao preço da fábrica.
Cato, Bóias de cortiça e plástico, redes para todas as pescas, etc.
Caixa postal 309 — T. P. LISBOA

EXCELSIOR

Com esta tinta até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES «EXCELSIOR»
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA

VALORIZAÇÃO URBANA de Vila Real de Santo António

UM dos problemas que mais afflige Vila Real de Santo António é o dos alojamentos. Centenas de famílias vivem em casas velhas, semi-arruinadas e sem o mínimo conforto e outras vegetam amontoadas numa promiscuidade insalubre e imoral. A dificuldade de casas vai agravando-se à medida que a localidade progride e não há dúvida que o progresso é notório, embora o potencial de fantasia e de iniciativa locais não seja de molde a impressionar ninguém. As coisas andam porque têm que andar...

Vem isto a propósito da simpática e utilíssima iniciativa do industrial e comerciante sr. Desidério de Jesus Rosa que acaba de ver ultimado um magnífico bloco de doze habitações que mandou edificar no prolongamento da Rua dos Centenários (não sabemos bem se esta designação é celebrativa de pessoas que já fizeram cem anos), na zona escolhida para a construção do imóvel da Escola Técnica.

O projecto do edificio, bem proporcionado e de linhas modernas, é do architecto pombalino Manuel Gomes da Costa (Rebocho), autor de alguns dos mais belos imóveis erguidos ultimamente no Algarve e a construção esteve a cargo dos empreiteiros srs. Diamantino João Leiria (industrial de pintura) e António Fernandes (construtor civil), que na citada vila já têm algumas outras construções a documentar a sua pericia e o seu bom gosto.

O proprietário do novo bloco residencial (já todo habitado, é claro) é pessoa entendida em construção civil e foi ele próprio quem desenhou a esplêndida vivenda que mandou construir há anos para sua residência, contigua aos seus grandes armazéns de depósito e preparação de sal. Não sendo natural da Vila Pombalina, resolveu empregar os seus capitais na terra onde há muitos anos se estabeleceu, onde lhe nasceram os netos e onde goza de merecido prestígio e de geral apreço. E dentro deste critério, que reputamos certo e louvável, tem desenvolvido uma actividade digna da maior simpatia, tendo já começado a construir no mesmo local um outro bloco residencial igual no desenho ao primeiro, mas com seis moradias.

E há uma particularidade no seu trato comercial que define bem o carácter do sr. Desidério Rosa. Tendo verificado que o valor orçamentado do prédio ficava aquém do dispêndio feito pelos empreiteiros,

entregou-lhes espontaneamente mais vinte contos para os indemnizar dos prejuizos sofridos. Compare-se esta atitude de compreensão e de isenção com essa porcaria que para ali vai nesse chamado mundo de negócios!

Os novos blocos residenciais, que indiscutivelmente conferem um apreciável valor urbanístico à Vila Pombalina, ficam situados, como já dissemos, na zona da futura Escola Técnica. Como esta zona será, dentro de poucos anos, uma das mais importantes da referida vila, impõe-se que o Município lhe dedique um carinho especial, começando já a protegê-la e evitando que nela sejam edificadas as casinhotas de porta e janela que tanto afeiam a localidade. Era da máxima conveniência que a Câmara Municipal mandasse fazer o calcetamento da Rua dos Centenários e do troço da Rua do Exército que tem o seu término naquela rua, assim como há toda a conveniência em se evitar que se faça vazadouro da horta da Misericórdia, o que além de insalubre, provoca emanações fétidas que impedem a vizinhança de abrir as janelas para arejar as casas. Somos de parecer até que se devia começar já a pensar em transferir a horta (não vamos arranjar outra Hortinha de má memória no perímetro urbano!) para local mais próprio e até agricolamente mais rendoso, a fim de se ir preparando aquela zona para o grande imóvel que mais tarde ou mais cedo ali será implantado. Certamente a Misericórdia, que tem à sua frente filhos de Vila Real de Santo António, concordará totalmente com a sugestão, pois não lhe podem (nem nós consentamos) advir prejuizos da transferência da sua propriedade.

E a concluir, renovamos os nossos justos louvores à iniciativa do prestante cidadão que é o sr. Desidério Rosa que, utilizando bem o seu dinheiro, serve a causa do interesse público e valoriza a terra onde há muitos anos estabeleceu a sua vida, que todos desejamos seja dilatada. Não vale a pena comparar o seu espírito de iniciativa nem o seu baírrismo ao de certas pessoas que não sendo declaradamente inimigos públicos, comportam-se de modo a não merecer sombra de louvor. E é lamentável que tal se verifique!

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

PARA O VOSSO CASAMENTO

PREFIRA A **Fotografia Arnaldo**
Especializada em Reportagem

A única que se desloca a vosso caso, e a qualquer localidade, com transporte próprio, e a mais moderna APARELHAGEM ELECTRONICA EXPOSIÇÃO PERMANENTE Rua Filipe Alistão, 5 em FARO - Telef. 881

SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L.
Rua de S. Bento, 178-1.º LISBOA

Motores marítimos: **SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL SIMRAD** — Sondas e rádios telefones para a pesca. Máquinas para a indústria de conservas: **SUDRY ASSMAN** — Aparelhos gravadores de som para ditado. Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto **MASSER**

Máquinas para café-creme **EUREKA**
Agentes em todo o Algarve